

Associação dos Mediadores Ciganos teme que situação no Bairro das Pedreiras, em Beja, seja “uma bomba relógio”

Um terço da comunidade cigana vive em habitações sem água nem luz

Registados 33 casos de covid-19 no Bairro do Espadanal, em Moura

| 10

Semanário Regionalista Independente

Diário do Alentejo

Sexta-feira
17 ABRIL 2020
Diretor: Luís Godinho
Ano LXXXVIII, N.º 1982 (II Série)
Preço: € 1,00

crise

Aulas à distância. Pais e professores temem agravamento das desigualdades

| 12/13

Entrevista com Jorge Seguro Sanches, coordenador regional de combate à covid-19

| 9

Do barbeiro à hotelaria, da restauração aos consultórios médicos, negócios que a covid-19 atirou por terra | 4/5 e 8



DISCIPULUS PACENSIS, DP PARA OS AMIGOS

SÃO JÁ TANTAS AS ORGANIZAÇÕES EM PORTUGAL QUE ESTÃO A FAZER VISEIRAS, A PRODUIZIR GEL DESINFECTANTE, MÁSCARAS, ZARAGATOAS...

SÃO TAMBÉM TANTAS AS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR A PÔR AS SUAS CAPACIDADES DE INVESTIGAÇÃO AO SERVIÇO DA COMUNIDADE...

POR ISSO, E CITANDO OS VERSOS DE UM GRANDE POETA PORTUGUÊS...

PORTUGAL/VOU CONTAR-TE UMA COISA QUE NUNCA CONTEI A NINGUÉM/SABES/ESTOU LOUCAMENTE APAIXONADO POR TI

CONTINUA...

OFERTA FORMATIVA 2020/2021

17 CTESP
16 LICENCIATURAS
15 MESTRADOS
2 PÓS-GRADUAÇÕES

IPBEJA
O TEU SONHO, O TEU FUTURO!

ESCOLA SUPERIOR DE AGRÁRIA
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO
ESCOLA SUPERIOR DE SAÚDE
ESCOLA SUPERIOR DE TECNOLOGIA E GESTÃO

WWW.IPBEJA.PT

EDITORIAL

Pandemia

Teletrabalho, digitalização, virtualização não decorrem da crise pandémica provocada pela covid-19, antecedem-na, não tendo produzido “consequências drásticas” na transformação da sociedade contemporânea e na redução da nossa pegada ecológica

Publicado no passado dia 12 de abril no jornal “Público”, o ensaio de José Gil é, de forma não surpreendente, um dos mais lúcidos olhares sobre este nosso tempo, marcado por uma pandemia que podendo “vir a modificar radicalmente o modo de vida das sociedades atuais, pré e pós-industriais” nos põe também à prova, enquanto cidadãos. “A verdade” - sublinha José Gil - “é que este período de luta pela sobrevivência física não gerou até agora nenhum sobressalto político ou espiritual, nenhuma tomada de consciência da necessidade de mudar de vida. Não gerou esperança no futuro”. O texto chama-se “A pandemia e o capitalismo numérico” e continua acessível online, somando mais de cinco mil partilhas e dezenas de comentários. Sendo um texto fundamental para a compreensão de um “tempo suspenso”, no qual a reflexão e a ação não foram favorecidas, constitui um bom ponto de partida para nos questionarmos sobre a “deteritorialização desabrada” em que vivíamos e sobre o futuro coletivo que queremos construir. José Gil vê este período como uma fase de passagem de um capitalismo industrial e financeiro, “cada vez menos viável no contexto geral da sociedade e do Estado”, para um capitalismo “em que se procuram os ajustamentos necessários entre as exigências económicas e as subjetividades que, em todos os domínios, do teletrabalho às práticas de lazer, lhes correspondam adequadamente”. Por isso escreve que “a generalização do teletrabalho, a digitalização máxima dos serviços e a virtualização das desloca-

ções e das relações sociais terão, muito provavelmente, consequências drásticas nas transformações da sociedade”. Tenho dúvidas de que assim seja pois provavelmente, para repetir o advérbio utilizado por José Gil, ou desgraçadamente, sendo mais preciso, passado este período de confinamento a que estamos obrigados logo se voltará à “antiga” forma de vida. Em primeiro lugar porque a virtualização das relações sociais não é consequência deste novo tempo - já existia antes, em vidas suspensas entre “likes” no Facebook e visualizações no Instagram. Depois porque uma sociedade não se transforma quando as pessoas são mandadas para o sofá, deixando-se condicionar por medos e receios resultantes de uma torrente noticiosa de caudal único. O isolamento físico, não o isolamento social, é decisivo para superarmos estes momentos de crise de saúde pública, evitando males maiores como sejam a saturação dos serviços hospitalares. Mas aos tempos que vivemos outros tempos se seguirão. Haverá um tratamento mais eficaz, talvez num prazo de seis meses, talvez um pouco antes, depois uma vacina, provavelmente dentro de um ano, eventualmente um pouco mais tarde, e este novo coronavírus desaparecerá do nosso quotidiano. Lá voltarão os engarrafamentos, as filas de automóveis nas portagens da Ponte 25 de Abril, o turismo massificado, o consumo desenfreado... a poluição. Deste ponto de vista, teletrabalho, digitalização e virtualização não decorrem da crise pandémica provocada pela covid-19, antecedem-na, não tendo produzido “consequências drásticas” na transformação da sociedade contemporânea e na redução da nossa pegada ecológica para a qual, como bem recorda José Gil, “não haverá vacina”. **LUÍS GODINHO**

EM DESTAQUE

“É para nós claro que os lares de idosos e os centros de dia constituem um risco potencial que temos de saber entender e reforçar ao nível da sua proteção e da realização de testes”.

Jorge Seguro Sanches
Coordenador regional de combate à covid-19
Página 9



NAPOLEÃO MIRA LANÇA DISCO

Página 24

3 PERGUNTAS A...



NELSON BRITO
PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE ALJUSTREL

“Abre a Janela à Liberdade” é o desafio lançado pela Câmara de Aljustrel às crianças do concelho, em vésperas do 46.º aniversário da Revolução dos Cravos. Que desafio de liberdade se pretende com esta iniciativa?
Estamos a viver um período de exceção, resultante da pandemia que nos está a afetar a todos. Mas este período de confinamento, não pode, nem deve, quebrar o sentido de liberdade. Embora estejamos limitados em determinados aspetos, embora nos sejam exigidas, a bem de todos, certas restrições, a liberdade não foi cessada, e nunca o será. Porque a democracia também não o foi. Continuamos livres de pensamento, livres de criar, de produzir, de estar disponíveis para os outros... E a liberdade também tem muito a ver com responsabilidade. No concelho de Aljustrel entendemos que a autarquia tem a responsabilidade, principalmente neste momento, de dar uma resposta

positiva e de estar ainda mais próxima de todos, adultos e crianças. Daí que, para além do foco muito grande que estamos a ter nas respostas sociais e económicas, não nos possamos esquecer dos momentos mais lúdicos e culturais, para que possamos entrar casa adentro de cada município, proporcionando-lhes melhores horas. Por isso criamos este desafio e lançamo-lo às crianças, até para que no futuro todos possamos fazer parte desta história coletiva que estamos a viver. Porque neste município todos contamos e cada um de nós será determinante para vencermos este momento menos bom.

Para além da parte criativa, possui este projeto a mensagem implícita da importância de resistir perante a adversidade?

Em Aljustrel não queremos nem podemos parar. Esta iniciativa pretende trazer uma mensagem de esperança e de confiança. Pretende “inundar” de forma positiva as janelas de cada habitação do concelho e, ao mesmo tempo, invadir depois o Facebook do município, naquela que será uma grande

exposição coletiva online, inaugurada a 25 de Abril, dia em que, por tradição, as crianças vão ao jardim municipal pintar. Não quebramos a autodeterminação, a capacidade de agir, de reagir, de sonhar e de perspetivar o futuro. Aljustrel sempre soube resistir, reorganizar-se e prosseguir. Temos ainda muito por trilhar, viver e construir. Arrepiamos caminho, se necessário, mas continuamos.

46 anos depois, quão importante é a transmissão, aos mais novos, dos valores de Abril?

Manter o espírito de Abril, transmitindo os seus valores aos nossos descendentes, é uma missão da qual não abdicamos e nenhum momento nos impedirá desta tarefa coletiva. Ainda mais quando, por força das circunstâncias, não estamos com a família, com os amigos, como desejávamos e gostaríamos. Mas comemoraremos Abril sempre, nem que seja a partir de casa.

JOSÉ SERRANO

IPSIS VERBIS



“Esperemos que o terceiro período não seja a repetição do que se passou no segundo, em que foi o cada um toca o que sabe e o salve-se quem puder”.

Manuel Nobre Presidente do Sindicato dos Professores da Zona Sul

Semanada

TERÇA-FEIRA, 14

HOMEM RESPONDE POR AGRESSÕES À MÃE

Um homem de 28 anos, que se encontra em prisão preventiva, começou a ser julgado no Tribunal de Beja. Residente em Aljustrel, o arguido encontra-se acusado da prática de um crime de violência doméstica e dois de ameaças agravadas. É suspeito de ter agredido física e verbalmente a mãe, de 46 anos, a quem por várias vezes terá ameaçado de morte. Também o padrasto e uma irmã, menor de idade, terão sido alvo de agressões verbais. No despacho de acusação, o Ministério Público considera que a vítima se encontra “especialmente vulnerável”. Os crimes terão sido praticados durante um período de seis anos.

SEGUNDA-FEIRA, 13

AUTOR DE TIROTEIO EM PORTIMÃO DETIDO NA VIDIGUEIRA

Um homem com cerca de 30 anos, foi detido ontem por militares do Núcleo de Investigação Criminal (NIC) e Destacamento Territorial da GNR de Beja, na EN18/IP2, próximo de Vidigueira, depois de encetar uma fuga de Portimão, onde esteve envolvido num tiroteio que provocou dois feridos. De acordo com o “Lidador Notícias”, a detenção ocorreu cerca durante a madrugada, depois do indivíduo ter deixado a casa de uns amigos onde se refugiara, no interior da vila de Vidigueira. A mesma fonte acrescenta que a GNR bloqueou todas as estradas da zona, tendo o suspeito sido localizado no interior de um automóvel onde viajavam mais três pessoas. Estava escondido no banco de trás, tapado com uma manta.



FOTO DA SEMANA

O domingo era o de Páscoa e o sol estava lindo. Mas, lá diz o ditado, “abril águas mil” e, por volta das 18:00 horas, depois da chuva, uma forte saraivada abateu-se sobre Aljustrel. A Estrada Municipal 527, que liga Ervidel a Montes Velhos, esteve cortada ao trânsito, o que obrigou à intervenção dos serviços municipais, dos bombeiros e da GNR. Felizmente, apesar da violência do fenómeno meteorológico, não foram registados danos pessoais nem materiais. Nas redes sociais foram publicados vários vídeos e fotografias que testemunham um cenário mais próprio de outros meses. Ou talvez não, que isto anda tudo mudado...

CARTAS AO DIRETOR

A ESPIRITUALIDADE EM MOMENTOS DE CRISE

RITA PALMA NASCIMENTO BEJA

No decorrer dos dias, e ao longo dos tempos, mantivemos com o “material” uma relação de dependência que, equivocadamente, nos concedeu uma falsa sensação de poder, de posse ou de superioridade, como forma compensatória. Vivendo exteriormente, para a imagem, para as rotinas e conseqüente recompensação, fomos nos afastando de nós, dos nossos propósitos, daquilo que somos, do que gostamos, do que nos mantém unidos, de tudo o que verdadeiramente nos impulsiona, acrescenta e atribui sentido à existência. Passámos a ser (porque também assim nos apresentamos) um determinado título, uma profissão, o vizinho do carro vermelho, o dono da empresa X,

a mulher/marido de Y, o indivíduo que veste fato... mas quem somos, por detrás do acessório? A realidade que à data vivemos, entre outras premissas, veio mostrar-nos quão frágeis e vulneráveis somos face a acontecimentos extrínsecos, incontroláveis e imprevisíveis. Veio fazer-nos pensar na insignificância do valor “material”, que em nada nos diferencia, diante de um cenário de pandemia que se abate e que a todos nos designou como alvo. (...) Veio fazer-nos sentir que o conforto se adquire materialmente, mas que, em confinamento, só nos confortará o que espiritualmente formos capazes de atingir (não por via religiosa), na procura pelo equilíbrio emocional. E isso não se compra. Presentemente, desprotegidos, diante de uma ameaça invisível capaz de nos levar a nós e aos nossos, sem que exista um critério de escolha, fica o sabor amargo da impotência, perante o choque frontal com a constatação

do quão verdadeiramente finitos e pequenos somos. Resta-nos observar o mundo e observar-nos a nós. Caminhar para dentro e ser capazes de nos encontrarmos connosco, de nos conhecermos no escuro, como à semente que germina no interior da terra, em silêncio, antes de se mostrar planta à luz do dia. Resta-nos saber olhar para o espelho e ver através dele. Não só o reflexo do presente, mas também o caminho já percorrido, para que, com firmeza, nos possamos questionar sobre o depois. Resta-nos a esperança, feita de indignação e coragem. Indignação para que sejamos capazes de apreender o que não está bem e a coragem para que o possamos mudar o possível. Resta-nos a criatividade e a arte da reinvenção. Resta-nos a observação, sem somatizar a realidade circundante, uma vez que, só dessa forma, será possível reunir a energia (positiva) necessária à transformação do

velho em novo. Resta-nos a iluminação interior, conseguida através da consciência e clareza a respeito da nossa missão, assim como da conservação da vontade e honestidade do seu cumprimento. Resta-nos ser, apenas, sem acessórios, para conseguir encontrar o caminho da superação, da libertação, do distanciamento a causas externas, mas também o rumo mais certo após a tempestade.

Porque o mundo, esse, continuará no mesmo lugar, mas a vida não.

(...)

As “Cartas ao diretor” devem indicar nome e contactos do autor. Não devem exceder os 1500 caracteres e podem ser remetidas por email ou correio postal. O “Diário do Alentejo” reserva-se o direito de seleccionar as cartas por razões de atualidade ou espaço e, sempre que ultrapassarem o tamanho estabelecido, de as condensar.

ATUAL

São donos de mercearias, empresários da hotelaria, cabeleireiros, proprietários de lojas de vestuário. São profissionais da restauração, dentistas... profissões e atividades que tiveram de encerrar devido às medidas de contenção para combater o alastramento da covid-19. Com a crise instalada, os micro e pequenos empresários do Baixo Alentejo fazem contas aos prejuízos, viram-se obrigados a recorrer à lay-off e temem um futuro muito marcado pela incerteza, numa altura onde nem sequer lhes é possível antever o momento em que voltarão a abrir portas, e a retomar a atividade.

Negócios que a covid-19 atirou por terra. Como os empresários estão a tentar “dar a volta” aos prejuízos

crise

TEXTO LUÍS MIGUEL RICARDO



Prejuízos António e João Serrano encerraram a barbearia em Beja no dia 14 de março, não sabendo quando a podem reabrir

Isabel Dias Horta explora, na Salvada e em conjunto com a filha, a “Loja da Bia”. Uma mercearia centenária que foi recuperada com a finalidade de promover produtos tradicionais e biológicos da região e, simultaneamente, criar um posto de trabalho. Para além de loja de proximidade, o espaço é também cafetaria e casa de chá. No domingo anterior à declaração do estado de emergência suspendeu a atividade, aproveitando a segunda-feira, dia de “descanso da casa”, para refletir sobre o futuro imediato. “Temos vindo a adaptar-nos diariamente, tendo em conta o momento que vivemos e as necessidades dos clientes. Primeiro, começámos por fechar a cafetaria e ficámos a servir pequenas refeições pela janela, continuando com a venda do pão e a mercearia básica. A seguir, transformámos o balcão de petiscos em balcão de frutas e hortaliças. E agora atendemos um cliente de cada vez, dentro do estabelecimento, à porta fechada. Os mais apressados são servidos pela janela.”

Revela-nos a Isabel, em jeito de caricatura, os pedidos corriqueiros da clientela da aldeia: “É só um macinho de cigarros.” E é pela janela, certamente, que sai o maço de tabaco para atamancar o vício. “Siga!” e “Quem está a seguir?” são frases que já se tornaram pregões dentro e fora da loja, circulando entre a mercearia e as pessoas que aguardam vez na impaciência da espera. “Acompanhamos cada freguês à porta, como se fosse uma consulta”.

Se a maior parte dos clientes é gente da terra, também existem os novos habitantes da Salvada, os emigrantes que vivem por cá, mas que sonham em estar por lá, nas suas terras de origem, junto dos seus. A esses, a “Loja da Bia” vende carregamentos de telemóveis, vende “pontes” para levar e trazer notícias, “pontes” para aconchegar as emoções de quem está longe. “Tivemos alguma cansa com a venda do café e tivemos de suspender para evitar a aglomeração de pessoas e o consumo de outras bebidas. Após estas semanas sem servir café, estamos há três dias a servir em regime de “take away”. Vamos ver como corre. Se a malta se portar bem, pode ser que também regressem as raspadinhas”, diz Isabel Dias Horta, reinventando o negócio e ajustando-se aos novos tempos marcados pelas medidas de combate ao novo coronavírus.

“FECHAMOS PORTAS” Ana Chalaça é proprietária do Monte Chalaça,



“A partir da declaração do estado de emergência fechámos as portas, suspendendo as marcações, muitas delas contra a vontade dos hóspedes (...) Neste mês de abril vamos pedir o lay-off para quatro funcionárias que estão em regime de contrato sem termo, aliviando assim a tesouraria da empresa”. ANA CHALAÇA, PROPRIETÁRIA DE UM TURISMO RURAL

um turismo rural na vertente “casas de campo”, localizado no coração das planícies de Ferreira do Alentejo. Com uma oferta de alojamento de onze quartos, o Monte Chalaça é procurado, normalmente, por hóspedes que querem desfrutar da tranquilidade alentejana em ambiente familiar e acolhedor e, simultaneamente, desenvolverem experiências rurais e culturais, de que é exemplo o contacto com os animais da quinta pedagógica instalada no interior da unidade.

“No início de março começámos a funcionar com um plano de contingência. Preparámos um quarto para isolamento, gel desinfetante para as mãos, as colaboradoras passaram a usar roupa descartável, luvas e máscaras para a limpeza dos quartos, e colocámos cartazes com informação em todo o espaço. Porém, a partir da declaração do estado de emergência fechámos as portas, suspendendo as marcações, muitas delas contra a vontade dos hóspedes que faziam intenções de vir para cá na Páscoa. E entretanto, vamos avaliando a possibilidade de abertura total ou parcial conforme os pareceres da Direção-Geral de Saúde sobre a evolução da covid-19”.

Enquanto o regresso à normalidade não acontece, há que tomar medidas: “Neste mês de abril vamos pedir o lay-off para quatro funcionárias que estão em regime de contrato sem termo, aliviando assim a tesouraria da empresa”. Não há outro remédio. Para a retoma da viabilidade económica do espaço, Ana Chalaça conta com as muitas marcações que ainda tem ativas e com a fidelização dos clientes ao seu turismo rural, sobretudo durante o verão. O importante, para já, é que a pandemia seja controlada, permitindo a retoma da atividade económica.



Ana Chalaça

associadas à manutenção dos espaços, foi pedido que Bruno entrasse em lay-off, tal como sucedeu a mais de 500 mil trabalhadores portugueses - passou a receber dois terços do salário, dos quais 70 por cento pagos pela Segurança Social e os restantes 30 por cento pela entidade empregadora. António e João solicitaram apoio à perda de rendimentos, previsto para os trabalhadores independentes.

A reabertura dos salões acontecerá aquando da autorização por parte das autoridades competentes, estando previsto, como medidas de proteção de trabalhadores e clientes, o uso de máscara, luvas, gel desinfetante e atendimento por marcação, para reduzir ao mínimo o número de pessoas nos espaços.

O fecho de portas foi também a única solução para Lélia do Rosário, proprietária de uma loja de roupa em Castro Verde. A “LM Closet” comercializa marcas nacionais de prestígio, o que encaixa o produto e restringe o perfil de clientes a uma classe média e média-alta. A atividade comercial está suspensa desde 16 de março, tal como a generalidade do comércio, o que deixou Lélia



Alfredo Mestre

do Rosário e a colaboradora comissionista sem qualquer tipo de rendimento resultante da loja.

A comerciante refere que ainda tentou promover as vendas online como estratégia para mitigar os prejuízos, mas garante que a intenção não surtiu efeito, pois, na sua opinião, as pessoas, nesta fase, estão pouco motivadas para a compra de bens não essenciais, e sobretudo quando “o valor é acima daquilo que se costuma pagar por produtos equivalentes, mas com menos qualidade”.

COMIDA PARA FORA Empresário do setor da restauração, Alfredo Mestre explora a “Pizzeria Serpense”, em Serpa. Deixou de receber clientes, dentro de portas, a 19 de março, duas semanas depois de Portugal registar o primeiro caso de covid-19, mas manteve o serviço em regime de “take away”, com a opção de levantamento no restaurante ou entrega ao domicílio. Para qualquer das situações foram adotadas medidas de segurança que passam pelo uso de máscara, luvas e gel desinfetante, e quando a entrega é feita no estabelecimento, só pode permanecer no



Ana Lampreia

espaço um cliente de cada vez.

A suspensão da atividade principal, restaurante, e a redução de faturação, obrigou a reestruturações momentâneas no corpo de colaboradores da pizzeria. Assim, dos quatro funcionários permanentes, dois ficaram abrangidos pelo regime de lay-off e os outros dois mantêm-se no ativo, para dar resposta aos pedidos que chegam por telefone. Trata-se de um apoio estatal que Alfredo considera insuficiente face às necessidades e às despesas associadas à situação atual, não resistindo a fazer comparações com o auxílio de governos de outras latitudes. “Na Alemanha é assim: para quem tem até quatro funcionários, o estado dá nove mil euros à entidade empregadora. Se tiver mais do que quatro, esse montante sobe para 15 mil euros”. Os planos estão traçados: até ao próximo dia 3 de maio, a pizzeria vai continuar a funcionar no regime de “take away”. Depois dessa data, fica a aguardar a autorização das entidades competentes para poder regressar à normalidade, contando com a consciência das pessoas, colaboradores e clientes, para a prevenção do contágio da covid-19.

CASACOS E CARTEIRAS FORA DO CONSULTÓRIO Ana Luís Lampreia é médica dentista e exerce a profissão na Supermed, em Beja, onde também é diretora clínica, que disponibiliza também serviços de psicologia e terapia da fala. Eram cerca de 40 consultas semanais, abrangendo praticamente todas as valências. “A clínica encontra-se encerrada desde o dia 13 de março, por decisão inicial da direção clínica, antes do despacho do Governo e da comunicação da Ordem dos Médicos Dentistas nesse sentido, e que entraria em vigor a partir do dia 16 de março, inicialmente por 15 dias, e posteriormente prorrogado, continuando a atividade suspensa e as clínicas encerradas ao público, permitindo apenas o atendimento de situações excecionais e comprovadamente urgentes e inadiáveis, por todo o tempo que durar o estado de emergência”.

Dada a imprevisibilidade da duração da paralisação e para se “aguentar” financeiramente sem ter de abolir os postos de trabalho fixos, a clínica recorreu igualmente ao regime de lay-off. Neste momento, por opção, continua a atender as urgências dentárias, de acordo com o previsto na lei. Mas para as realizar em condições de segurança, foi preciso um investimento suplementar em equipamento de proteção individual e desinfecção, numa altura em que o mercado tem pouca oferta e os preços são alvo de especulação. O atendimento acontece “respeitando o protocolo” definido pelas entidades de saúde, antecedido de um contacto prévio com o utente, a fim de aferir a real necessidade de atendimento presencial. Depois é efetuada a triagem de possível infeção por covid-19. O tempo de atendimento tem de ter em conta o não cruzamento de utentes na clínica e a desinfecção de todos os espaços. A sala de espera conta apenas com o básico, desapareceram folhetos, brinquedos, jogos e livros, e não é possível aceder ao comando da televisão ou manter o funcionamento do ar condicionado.

Aqui, voltar à “normalidade” é um assunto delicado, pois trata-se de uma profissão “no topo do perigo de contágio, porque a proximidade da cavidade oral e os aerossóis resultantes dos tratamentos não podem ser evitados”. Ao adiar do regresso, crescem outros problemas, os problemas da sobrevivência económica de muitas empresas que dependem do funcionamento das clínicas de medicina dentária.

BARBEARIAS E LOJAS ENCERRADAS

António, João e Bruno, pai e filhos, são proprietários de uma barbearia em Beja e de outra na Cuba. É em Beja, durante a semana, que trabalham António e João Serrano, naquela que afirmam ser a barbearia mais antiga da cidade, fundada em 1904. Na Cuba está o Bruno, na condição de funcionário, que ao sábado à tarde recebe o “reforço” do pai e patrão para fazer atendimentos por marcação. Bom, era assim até ao dia 14 de março, altura em que, por precaução e ainda antes da ordem governamental, decidiram encerrar os estabelecimentos em virtude da covid-19.

Para fazer face à paralisação da atividade e às despesas

ALJUSTREL QUER “NOVA ABORDAGEM” A FUNDOS COMUNITÁRIOS

Priorizar verbas ainda disponíveis nos programas operacionais regionais para novas áreas de atuação, entre as quais a economia local e ações diretas na componente social, aumentar as taxas de cofinanciamento e alterar o quadro legal de fiscalização por parte da contração pública nas empreitadas e aquisições de serviços, são algumas das propostas apresentadas pela Câmara de Aljustrel no que classifica de uma “nova abordagem” aos fundos comunitários, justificada pela pandemia da covid-19. “Para as empresas, entidades da economia social e entidades do sistema científico e tecnológico propõe-se a concretização da abertura dos avisos e dos vários programas com a maior brevidade possível”, concretiza a autarquia, acrescentando que seria igualmente importante o reforço de verbas dos programas operacionais regionais “que deverão

continuar a ter uma componente de incentivo não reembolsável, mas com um apoio superior, apoio entre 40 e 50 por cento do investimento dependo da localização, sendo que este valor pode ser majorado em 20 por cento”. O município defende ainda o alargamento dos apoios à criação de postos de trabalho nos territórios de baixa densidade. “Além das empresas, as famílias precisam também de suporte para atravessar um tempo com maior desemprego e menos trabalho pelo que estas medidas também servirão de incentivo à criação e manutenção dos postos de trabalho”, conclui. A Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Alentejo anunciou, entretanto, o reforço de 11 milhões de euros para os programas de apoio às unidades de cuidados continuados e equipamentos sociais com o objetivo de “diminuir e mitigar os impactos a nível económico e social” da covid-19.



PCP CRITICA FECHO DE EXTENSÕES DE SAÚDE NO BAIXO ALENTEJO

O PCP criticou o fecho da “quase totalidade” das extensões e o cancelamento das consultas nas sedes dos centros de saúde do Baixo Alentejo devido à covid-19, o que “priva” a população de cuidados de saúde primários. A crítica surge numa pergunta que os deputados do PCP João Dias e Paula Santos dirigiram à ministra da Saúde, Marta Temido, a pedir esclarecimentos sobre a decisão da Unidade Local de Saúde do Baixo Alentejo (Ulsba) de fechar “a quase totalidade das extensões por tempo indeterminado” e cancelar “todas as consultas nas sedes” dos centros de saúde da região. Dizem os deputados que a decisão “vem privar os utentes do acesso a cuidados de saúde de proximidade”.

SANTIAGO INSTALA HOSPITAL DE CAMPANHA

A Câmara de Santiago do Cacém criou um hospital de campanha com 40 camas para acolher doentes de covid-19 e reforçar a capacidade de resposta da autoridade local de saúde. “É uma medida preventiva para dar resposta a um eventual cenário mais complicado, em que porventura o Hospital do Litoral Alentejano não possa dar resposta aos doentes com covid-19”, explicou o presidente da Câmara de Santiago do Cacém, Álvaro Beijinha.

ÁREA DEDICADA À COVID-19 NO PAVILHÃO DE SERPA

A Unidade Local de Saúde do Baixo Alentejo (Ulsba) instalou uma área dedicada à doença covid-19 no Pavilhão Municipal de Desportos Carlos Pinhão, em Serpa. Segundo a Ulsba, a nova área, que começou esta semana a funcionar no pavilhão, cedido pela Câmara de Serpa e totalmente adaptado para o efeito com o apoio do município, destina-se apenas ao atendimento de utentes com suspeitas de infeção pelo novo coronavírus que provoca a covid-19 encaminhados pela Linha Saúde 24 ou triados nos centros de saúde da região.



PRODUTORES DE ARROZ EXIGEM GARANTIA ÁGUA PARA A CAMPANHA

A Associação de Agricultores do Distrito de Setúbal (AADS) apelou à administração da Herdade da Comporta para que tome as medidas necessárias para fornecimento da água aos produtores de arroz, que já iniciaram a campanha deste ano. A tomada de posição da AADS surge na sequência de uma comunicação da administração da Herdade da Comporta aos produtores de arroz, alertando-os para a eventual falta de água na campanha de 2020, mas os agricultores dizem que a água disponível é suficiente e que cabe à administração da herdade assegurar as condições para a disponibilização dos recursos hídricos.

Más condições de habitabilidade de trabalhadores agrícolas poderão criar “grave problema”

Entrevista com João Dias, deputado do Partido Comunista Português, eleito por Beja

No âmbito das medidas de prevenção da covid-19 e do estado de emergência que vigora no País, João Dias questionou, na Assembleia da República, a ministra da Saúde sobre as medidas que estarão a ser tomadas nas explorações agrícolas no distrito de Beja onde há grande concentração de trabalhadores, milhares deles imigrantes. Entre outras medidas que considera imprescindíveis, como a informação adequada às várias nacionalidades ou o uso de equipamentos de proteção, o deputado considera urgente identificar habitações onde estes trabalhadores se encontram “amontoados”, situação que constituirá, diz, uma insegurança acrescida.

TEXTO JOSÉ SERRANO



Quais as principais preocupações que manifestou a Marta Temido? Com a progressão da pandemia covid-19 no nosso País será muito importante intensificar, consideramos, as medidas para tentar conter a doença, quebrando os mecanismos que levam à sua disseminação pela população. Manifestámos também a nossa preocupação no sentido de se assegurarem os rendimentos da população, a salvaguarda dos postos de trabalho e a prevenção da propagação da doença, desde logo entre os próprios trabalhadores, garantindo simultaneamente a manutenção das atividades agrícolas.

Que repostas obteve?

O ministério ainda não respondeu. No entanto colocámos as mesmas questões ao Ministério da Agricultura e também ao Ministério da Coesão Territorial, por terem responsabilidades conexas com a situação em causa.

Esta preocupação abrange toda a região?

As preocupações recaem nomeadamente sobre as explorações intensivas onde existe grande presença, em particular, de trabalhadores imigrantes que se encontram em situação vulnerável, já que muitos deles trabalham de forma concentrada. Isto acontece

não apenas nas estufas [existentes no concelho de Odemira] mas também noutras atividades similares e noutras concelhos alentejanos, onde terão de ser asseguradas distâncias mínimas entre os trabalhadores para que, no caso de haver algum foco de infeção, se possa inviabilizar a propagação da doença. A situação é agravada, também, pelas precárias condições de alojamento de muitos destes trabalhadores.

Considera que a barreira linguística poderá constituir um obstáculo acrescido à adoção de medidas preventivas por parte destas comunidades?

A primeira e mais relevante medida no combate a esta pandemia é a prevenção. É por isso necessário que muitos dos nossos comportamentos, no local de trabalho e fora dele, sejam modificados no sentido de se cumprirem as medidas preventivas estabelecidas, nomeadamente o distanciamento social, a redução de contactos e a utilização de equipamentos de proteção capazes de salvaguardar os trabalhadores. Porém, a prevenção será tanto mais eficaz quanto se melhor se consiga passar a informação, o que poderá ser dificultado pela barreira linguística que existe no ceio destas comunidades de trabalhadores imigrantes, muitos

deles provenientes da Índia, do Bangladesh, do Nepal ou de países de Leste. O desconhecimento da língua portuguesa, por parte destes trabalhadores, será sempre uma dificuldade acrescida, o que requer mais recursos e mais tempo para que a informação possa produzir efeito.

Que medidas de prevenção são, no seu entender, urgentes tomar?

Desde logo medidas de esclarecimento mas também medidas que garantam a proteção dos trabalhadores, como o recurso aos equipamentos de proteção individual nos casos em que tal o justificar. Há, contudo, uma necessidade de se intervir a nível dos alojamentos dos trabalhadores imigrantes uma vez que, como todos sabemos, estão sujeitos a condições de habitabilidade onde é impossível cumprir as recomendações de distanciamento social e de redução de contactos. Em nosso entender deverão ser identificadas as habitações onde estes trabalhadores se encontram, por vezes, “amontoados” às dezenas e encontrarem-se respostas de alojamento mais seguras. A verdade é que não se encontrando, agora, uma solução de habitação segura e adequada, esta situação poderá vir a constituir um grave problema, face ao risco de proliferação de infeção entre os trabalhadores.

www.scml.pt

Somos a casa de milhares de portugueses.

Sabemos que a nossa missão não pode parar. Por isso, continuamos a cuidar de quem mais precisa de nós e a sair à rua para estarmos junto dos mais vulneráveis.

Porque, numa altura em que todos temos de estar em casa, nós somos a casa de milhares de portugueses.

Fique em casa. Por Boas Causas.

**SANTA
CASA**
Misericórdia de Lisboa.



UNIÃO DAS MISERICÓRDIAS
PORTUGUESAS

JOGOS
SANTACASA



A Associação Académica do Instituto Politécnico de Beja defende a redução do valor das propinas no segundo semestre e o reforço da rede de Internet e de ferramentas tecnológicas nas residências de estudantes. Segundo a associação, as medidas visam dar resposta ao impacto no rendimento dos estudantes e das suas famílias resultante do agravar da crise sanitária provocada pela covid-19.

Empresários preocupados com crise de “dimensões imprevisíveis”

Comércio está “mal como nunca”. Presidente do Nerbe diz que medidas anunciadas pelo Governo “não serão suficientes para mitigar” os efeitos da crise

Para combater a crise social e económica que alastra no País, resultado da situação de emergência sanitária provocada pela pandemia de covid-19, as organizações de empresários consideram insuficientes as medidas que o Governo tem anunciado nas últimas semanas. O “Diário do Alentejo” registou os pontos de vista de Rui Garrido, presidente da ACOS – Associação dos Agricultores do Sul, de Filipe Pombeiro, da Associação Empresarial do Baixo Alentejo e Litoral Alentejano (Nerbe/Aeal), de João Rosa, da Associação do Comércio do Distrito de Beja (ACDB); e Jorge Pisco, da Confederação Portuguesa das Micro, Pequenas e Médias Empresas (Cpme).

TEXTO CARLOS LOPES PEREIRA



AGRICULTURA RECLAMA APOIOS

“A agricultura não pode parar porque é preciso acompanhar o ciclo biológico das plantas, semear, plantar, colher frutas, legumes, cereais. É preciso dar de comer aos animais e acompanhar o seu normal ciclo produtivo e reprodutivo. É certo que a pandemia trouxe alterações às rotinas, designadamente no reforço de procedimentos de saúde e segurança no trabalho, mas também trouxe capacidade de adaptação e reforçou a união entre todos. Reforçou ainda, entre todos, o sentido de soberania e segurança alimentar” – escreve em comunicado a ACOS – Associação de Agricultores do Sul. De acordo com o seu presidente, Rui Garrido, a associação “continua a escoar com regularidade os produtos animais dos associados que aderiram aos seus circuitos de comercialização, designadamente para o mercado nacional e para a exportação”. Isto vem reforçar “a convicção de que, mesmo em tempos de crise, como a que atravessamos, se os produtores agrícolas estiverem agrupados, são mais fortes e conseguem superar as dificuldades com mais segurança”, sublinhou, em declarações ao “Diário do Alentejo”.

mais flagrantes”.

Para Jorge Pisco, o pequeno comércio local e os serviços são setores que estão despojados. Apela por isso aos micro, pequenos e médios empresários que se unam “em torno das suas associações de classe, para encontrar formas de ultrapassar este período que é difícil e pode ser demorado”.

Posição semelhante tem João Rosa, presidente da Associação do Comércio do Distrito de Beja (ACDB): “O pequeno comércio, no distrito de Beja, está mal, como nunca, e admito que muitos dos estabelecimentos que agora foram

forçados a encerrar não voltem a abrir. Fecharam quase todos, mais de 95 por cento, há apenas uns poucos restaurantes a trabalhar no regime de take away”.

João Rosa sublinha que a maioria do pequeno comércio é formada por estabelecimentos com menos de cinco trabalhadores, incluindo os proprietários. Nestes casos, os empregados recorreram ao lay-off mas os próprios donos ficaram sem apoio algum: “O Governo não pensou nestes casos e há situações bem difíceis, uma boa percentagem dos pequenos comerciantes são os próprios donos dos estabelecimentos”.

A agravar esta situação, refere o presidente da ACDB, alguns comerciantes já tinham dívidas à Segurança Social ou à banca: “De facto, o pequeno comércio – a maior parte dos associados cabe nessa categoria – já estava mal, desde há dez anos que lutava com dificuldades. Para se ter uma ideia, a ACDB agregava há uma década 1200 associados e hoje tem pouco mais de 600, perdeu quase metade dos sócios”.

Para João Rosa, as medidas gerais apresentadas pelo Governo para a economia “são boas e de saudar”. Mas é preciso fazer mais: “As ajudas são importantes mas não chegam a todo o lado. E há que ver essa situação dos pequenos comerciantes que são proprietários dos estabelecimentos e que ficam sem qualquer auxílio. Quanto aos trabalhadores que recorreram ao lay-off, a preocupação é se vão receber já em abril ou se haverá demoras. Outra questão é que os bancos estão a aumentar os juros, ao contrário do que seria de esperar. Há dificuldades em obter financiamentos, não só porque as taxas de juros aumentam mas também porque a burocracia é grande”.

CRISE COM DIMENSÕES IMPREVISÍVEIS
“Não temos dúvida que estamos a entrar numa crise económica e financeira, cuja extensão é ainda

difícil de prever. Neste sentido, consideramos positivas as medidas que o Governo tem vindo a apresentar. No entanto, as mesmas não serão suficientes para mitigar os efeitos económicos desta pandemia, nem para evitar que o desemprego cresça para números que não desejamos” – avalia o presidente da Associação Empresarial do Baixo Alentejo e Litoral (Nerbe/Aeal), Filipe Pombeiro.

Como tal, acha que serão necessárias medidas adicionais: “Começando pelas linhas de apoio à tesouraria, obviamente – temos de ter a noção que não resolvemos o problema apenas com mais dívida. Parte desta dívida, nomeadamente a que é garantida pelo Estado, deverá ser transformada em apoio não reembolsável, ou seja, convertida em apoio a fundo perdido. Para os setores mais atingidos, como o turismo, a hotelaria, a restauração e o comércio e serviços, as linhas terão de ser reforçadas. Será também necessário, para efeitos da retoma das nossas empresas, um alívio fiscal, nomeadamente ao nível do IRC, para que as empresas possam ter agilidade e serem mais competitivas para recuperarem mais rapidamente. No que respeita às medidas de lay-off, as mesmas têm de ser mais diretas, mais ágeis, de forma a que possam aplicar-se sem a complexidade e dúvidas que temos sentido”.

Filipe Pombeiro insiste que é necessário que se perceba o tecido empresarial existente no Baixo Alentejo: “Em grande parte das nossas empresas, o gerente é ao mesmo tempo um trabalhador da sua empresa. É inconcebível que o lay-off não se possa aplicar também aos gerentes das nossas empresas”.

Esta crise, provavelmente ao contrário das outras, terá efeitos muito semelhantes em todo o País, prevê o presidente do Nerbe/Aeal: “Neste momento estamos muito apreensivos face ao futuro, tivemos no mês de março uma quebra de faturação gigante, com os mesmos custos a suportar. Esperemos que a pandemia possa ser breve, para que as nossas empresas retomem a sua atividade e que as medidas cheguem em tempo oportuno, para que possamos voltar a encarar o futuro com bons olhos”.



Penso que esta pandemia nos dará ainda maiores certezas sobre a necessidade de conseguirmos mais resultados (nomeadamente de fixação de profissionais de saúde no interior) e no reforço, em especial, de pessoal médico no Alentejo”.

“Lares de idosos e centros de dia constituem risco potencial”

Entrevista com Jorge Seguro Sanches, coordenador regional das medidas de combate à covid-19

Em entrevista ao “Diário do Alentejo”, Jorge Seguro Sanches aponta a proteção dos idosos como “central” no combate à covid-19. “É para nós claro que os lares e os centros de dia constituem um risco potencial que temos de saber entender e reforçar ao nível da sua proteção e da realização de testes”. Sendo a saúde a primeira preocupação, a economia vem logo depois: “Temos de manter em prontidão e em funcionamento as empresas e os postos de trabalho”.

TEXTO LUÍS GODINHO

Quais serão as suas tarefas enquanto coordenador na área do Alentejo do combate à covid-19?

As tarefas serão essencialmente de coordenação das entidades, organismos ou serviços de âmbito regional ou distrital da administração direta e indireta do Estado, necessários no combate à pandemia da covid-19, promovendo a articulação de todas as estruturas desconcentradas do Estado. Será ainda promovida a articulação e interlocução com as autarquias locais e as diversas entidades dos setores social e económico do Alentejo, bem como a articulação com a estrutura de monitorização do estado de emergência, para efeitos de acompanhamento e produção de informação sobre a situação a nível regional.

Esta figura visa preencher o lugar que ficou vago com a extinção dos governadores civis?

Não me parece que assim seja. A função dos governadores civis tinha, desse logo, âmbito distrital e esta missão tem um âmbito regional, em todo o Alentejo. Para além disso, a missão dos governadores civis era a de representação do Governo no distrito. Neste caso trata-se de uma situação em que um próprio membro do Governo, não deixando de cumprir a sua missão ao nível central, no meu caso como secretário de Estado Adjunto da Defesa Nacional, é incumbido da coordenação dos serviços da região e de estabelecer um diálogo reforçado com os autarcas.

Não haverá o risco de o seu trabalho conflitar com as competências dos autarcas?

Deixe-me começar por sublinhar a



FALTA DE MÉDICOS É “PREOCUPANTE”

A falta crónica de profissionais de saúde nos hospitais alentejanos, em particular no de Beja e do Litoral Alentejano, constitui um fator acrescido de preocupação?

Sem dúvida. Tentaremos minorar muitas destas situações que são conhecidas e que necessitam da maior atenção. Penso que esta pandemia nos dará ainda maiores certezas sobre a necessidade de conseguirmos mais resultados (nomeadamente de fixação de profissionais de saúde no interior) e no reforço, em especial, de pessoal médico no Alentejo.

extraordinária missão dos nossos autarcas e dos presidentes de câmara de todo o Alentejo, nesta situação de emergência. Como todos sabemos, e durante muitos anos, o Estado e a administração central perderam presença em muito do nosso interior. Os municípios e as freguesias ganharam, assim, ainda mais importância como presença do interesse público. No Alentejo é de sublinhar que o têm feito de uma forma extraordinária nesta pandemia mobilizando recursos e trabalhando para a defesa da saúde dos seus munícipes. É neste quadro que esta missão é desempenhada sem prejuízo das competências dos presidentes das câmaras, como autoridades municipais

de proteção civil, não deixando de se considerar imprescindível uma melhor coordenação dos serviços da administração central e a devida articulação supramunicipal.

Partilha da opinião segundo a qual o Alentejo, pelo menos até agora, tem sido relativamente poupado aos efeitos desta pandemia?

Não entendo que assim seja. Basta haver um caso positivo, um concidadão doente para estarmos alerta, atentos e atuantes. Este vírus, esta doença é traiçoeira, como já observámos noutros países. Todos os cuidados são poucos para salvaguardarmos a nossa saúde, procurando assegurar as funções mais importantes da nossa sociedade para podermos, logo a seguir a esta emergência, voltar a colocar em funcionamento toda a nossa sociedade, toda a nossa economia.

Há, então, uma falsa ideia de segurança?

Espero que não. Temos de ter presente que a transmissão do vírus pode acontecer quando e onde menos se espera. E lembremo-nos sempre que situações de milhares de mortos numa pandemia era algo que nos parecia impossível ou apenas fruto de ficção. Não. É real. Acontece em Espanha, em Itália, onde os dramas que estão a ser vividos pelas famílias demoram a ser ultrapassados, no Reino Unido, na Alemanha, na França. E acontece a todos. A ricos, a pobres, idosos, novos. Este vírus ataca todos e em todo o lado.

Quais as situações que mais o preocupam no Baixo Alentejo?

A proteção dos idosos deve ser central na nossa atuação. É para nós claro que os lares de idosos e os centros de dia constituem um risco potencial que temos de saber entender e reforçar ao nível da sua proteção e da realização de testes. Por outro lado, a nossa região tem características próprias que devem ser compreendidas e por isso é necessário reforçar a informação de saúde junto dos mais idosos, dos imigrantes e comunidades que cultivam a proximidade social. As situações de contágio não acontecem apenas aos outros, acontecem a todos nós. Há que partilhar informação. Usar todos os meios para difundir os conselhos das autoridades de saúde. Sei que os tempos que estamos a viver, e que vamos viver ainda, não são fáceis. Se cumprirmos as recomendações das autoridades, no fim poderemos dizer que correu tudo bem.

Mas responsáveis de lares e bombeiros têm criticado a falta de materiais de proteção, como máscaras e testes...

Estamos a trabalhar com todas as entidades e empresas nacionais para reforçar a nossa capacidade nacional de produção e, ao mesmo tempo, estamos a tentar importar todo o equipamento que seja possível para dar mais segurança a todos os profissionais de saúde, aos bombeiros, às IPSS, garantindo, também, que o mercado funciona e consegue

fornecer a preços aceitáveis estes materiais a todas as instituições. Tudo será feito para que as proteções individuais cheguem a todos.

Qual será a sua articulação com os serviços de saúde?

Terá de ser uma relação de completa proximidade, como aliás com as autarquias locais. A pandemia da covid-19 é um tema de saúde pública. É dessa área da governação que devem vir as orientações técnicas para que todos os outros estejam habilitados a enfrentar um problema dessa natureza. Nesta questão tenho o privilégio de já ter exercido funções profissionais numa das unidades locais de saúde da região, o que me permite conhecer relativamente bem as tradicionais dificuldades de recursos. Penso que esta pandemia terá de resultar num ainda maior reforço do Serviço Nacional de Saúde e, neste caso, nos serviços prestados na nossa região.

Quais os impactos que prevê que esta situação venha provocar na economia regional?

Serão seguramente graves. Temos de manter, o mais possível, em prontidão e em funcionamento as empresas e os postos de trabalho para que, a seguir à pandemia, seja possível voltar a ligar os motores da economia. Esta é a única estratégia possível para não termos de recomeçar do zero.

Não se justificaria medidas específicas de apoio para a região tendo em conta a debilidade do tecido empresarial?

Estabeleci o princípio de, numa primeira fase, vocacionar todos os meios disponíveis para a questão de saúde pública. O governo tem já um conjunto de medidas de apoio, desde linhas de crédito à manutenção de postos de trabalho, com o pagamento de uma parte substancial das remunerações dos trabalhadores, quer ainda com medidas de apoio à economia. Os serviços públicos mais vocacionados para as atividades económicas no Alentejo estão a realizar levantamentos de todas as dificuldades que estão a surgir na área económica e social para assim desenvolvermos, em articulação, as melhores soluções para que a recuperação económica se inicie o mais rapidamente possível. Mas para isso precisamos que todos façam a sua parte defendendo a sua saúde. É este o nosso desafio na situação de emergência.



Os restantes 27 moradores do Bairro do Espadanal, em Moura, onde existem 33 casos de covid-19, tiveram resultados negativos nos testes de despiste à doença, revelou o coordenador do Serviço Municipal de Proteção Civil, Diogo Saraiva. Segundo o responsável, também foram realizados testes de despiste à covid-19 a cinco operacionais da corporação dos Bombeiros Voluntários de Moura, os quais deram, igualmente, resultado negativo. “Foram os operacionais que efetuaram o transporte, dentro do período dos 14 dias antes do aparecimento dos sintomas do primeiro caso confirmado”, justificou.

Um terço da comunidade cigana vive em habitações sem água nem luz

Presença da etnia no distrito de Beja cresceu cerca de 80 por cento nos últimos oito anos

Como é que se exige a alguém que fique em casa se essa pessoa não tiver casa? E como é que se pede a alguém para lave as mãos frequentemente se só existe uma torneira para mais de 500 pessoas? Aparentemente estas são perguntas retóricas mas, infelizmente, os casos são uma realidade muito presente no nosso território.

TEXTO ANÍBAL FERNANDES

Quando, em janeiro de 2018, as secretárias de Estado da Habitação e da Cidadania e Igualdade, respetivamente, Ana Pinto e Rosa Monteiro visitaram Beja, a situação do Bairro das Pedreiras foi considerada “complexa”, mas de “difícil resolução a breve prazo”. No final da conferência, onde foi apresentada o programa “Primeiro Direito”, destinado a promover soluções habitacionais para pessoas que vivem em “condições indignas”, governantes e autarcas visitaram o local cuja situação foi descrita como “preocupante” pelo presidente da autarquia, Paulo Arsénio, e a necessitar de “uma resposta integrada”, segundo Ana Pinho que, no entanto, disse não se estar perante uma situação de “catástrofe”.

Esta semana, Prudêncio Canhoto – antigo mediador da comunidade cigana na Câmara Municipal de Beja –, lembra que as pessoas que habitam aquele espaço continuam “desprotegidas e sem condições”. “O Bairro das Pedreiras devia ter 280 pessoas e vivem lá cerca de 800, com uma grande quantidade de crianças. É uma aldeia apenas com uma torneira para toda a gente”, explicou o também voluntário da Rede Europeia Anti-Pobreza.

Prudêncio Canhoto garante que por estes dias tentou contactar a Unidade Local de Saúde do Baixo Alentejo (Ulsba), o Delegado de Saúde de Beja e a Direção-Geral de Saúde, mas que “ninguém” lhe ligou. No entanto refere que o município, através Jesus Silva, o atual mediador, desenvolveu algumas ações informativas na comunidade e que a polícia passou por lá, “de carro e com o altifalante ligado”, para explicar os comportamentos a ter durante o período do estado de emergência.



CASOS POSITIVOS EM MOURA LEVAM A CERCO DO BAIRRO

O Governo, em comunicado assinado pela secretária de Estado para a Integração e as Migrações e pelos secretários de Estado da Saúde e da Defesa Nacional, respetivamente, António Sales e Jorge Seguro Sanches – que é também coordenador no Alentejo das medidas de combate ao covid-19 - anunciou, após a confirmação da infeção de 33 casos positivos no Bairro do Espadanal, em Moura, um conjunto de medidas para apoiar as comunidades ciganas da região. Casas sem condições sanitárias, superlotação do espaço, falta de informação e pobreza endémica são o denominador comum das comunidades de etnia cigana quer em Moura, quer em Beja, cidade onde a situação no Bairro das Pedreiras também é fonte de preocupação para as autoridades políticas e sanitárias. Para já, o Bairro do Espadanal está em cerca sanitária controlada pela PSP. Ninguém entra e ninguém sai e o município local providencia a entrega de bens de primeira necessidade, nomeadamente, produtos alimentares, de limpeza e medicamentos. O espaço foi alvo de uma desinfeção geral efetuada pelos serviços camarários que procederam, ainda, à instalação de um reservatório de água e de contentores para a recolha de resíduos. De acordo com a Câmara Municipal de Moura, os serviços estão também a acompanhar a situação no Sítio da Avó do Lourenço, onde também existe um núcleo de habitantes de etnia cigana. No Bairro das Pedreiras, com a colaboração da União de Freguesias de Salvador e Santa Maria da Feira, também vai ser objeto de mais uma ação de desinfeção. No entanto, Prudêncio Canhoto, presidente da Associação dos Mediadores Ciganos de Portugal de Portugal (AMEC), considera “fundamental” a presença no terreno de uma equipa de saúde, pois teme que a situação no local seja “uma bomba relógio”.

A Administração Regional de Saúde do Alentejo (ARSA Alentejo), questionada sobre se tinha sido desenvolvida ou estava prevista alguma iniciativa para aquele núcleo

populacional, garantiu que tinha “conhecimento das condições de habitabilidade em que vive a comunidade cigana em Beja, porque é uma realidade de anos, e envolvemos o

mediador na nossa intervenção”. A enfermeira Fernanda Oliveira, do Departamento de Saúde Pública da ARSA Alentejo, esclareceu, ainda ter sido proposto ao delegado de saúde coordenador da Unidade de Saúde Pública (USP) da Ulsba, que percebesse o que se passava na comunidade cigana em Beja, com indicação dos nomes dos mediadores e contactos telefónicos” tendo seguido “um guia de ação no sentido da orientação da intervenção e monitorização” a ser realizada.

Em resposta, o delegado de saúde informou a ARSA Alentejo sobre “o número de pessoas e os grupos etários que constituem a comunidade e o tipo de habitação” e informou que “as equipas dos serviços sociais da Ulsba e da Câmara Municipal de Beja e o mediador realizaram intervenção conjunta com as pessoas ciganas da comunidade no bairro”.

Paulo Arsénio explica que o município “não tem condições habitacionais para realojar as pessoas” que vivem no Bairro das Pedreiras, mas confirmou que o mediador e as técnicas da autarquia se tinham ali deslocado “nos dias 3, 4, 10, 13, 23, 14 e 30 de março” para ações de informação, explicando, no entanto, que “a Câmara Municipal de Beja não deve distribuir álcool gel ou outros

equipamentos” àquela comunidade “quando não o faz aos restantes municípios. Para nós há igualdade nos direitos e nos deveres de todos. Sem exceções”, concluiu.

SITUAÇÃO HABITACIONAL Entre 2010 e 2018, a comunidade cigana a viver no distrito de Beja passou de 2048 para 3666 indivíduos. Os dados a que o “Diário do Alentejo” teve acesso, recolhidos pela delegação de Beja da Rede Europeia Anti-Pobreza, também tipificam as condições de habitabilidade por concelho, e explicam que a percentagem de habitação não clássica (barracas, tendas, roulottes) no distrito, apesar de em números absolutos ser apenas de 288, representam quatro por cento do total das habitações, o dobro da cifra nacional.

Em Beja, onde a comunidade mais do que duplicou em oito anos – passou de 571 para 1399 -, 65 por cento vive em habitações de alvenaria, 32 em barracas e 3 em tendas. Em Moura, o número de pessoas de etnia cigana a habitar no concelho também subiu de 726 para 983, sendo que metade vive em habitações clássicas e a outra metade em barracas. Em Serpa a comunidade também cresceu de 305 para 469, dividindo-se os membros igualmente por habitações clássicas e não clássicas.

OPINIÃO

HÁ 50 ANOS

CARLOS LOPES PEREIRA

Confiança no mundo rural, consumir produtos portugueses

PEDRO DO CARMO PRESIDENTE DA COMISSÃO PARLAMENTAR DE AGRICULTURA E MAR

A pandemia, quando ainda estamos no meio da tempestade, já nos ensinou que temos de ser mais autónomos, procurar gerar mais no nosso território aquilo que é essencial em tempo de emergência e nos quotidianos que virão, certamente com outros perfis, ritmos e hábitos.

O mundo rural pode ser um desses pilares do novo tempo, superando a tradicional falta de atenção ou desatenção dos media, dos decisores e da população em geral, apesar do labor contrário de alguns. Se é para gerar maior autossuficiência, o mundo rural é incontornável, agora como no futuro.

Em tempo de responder aos desafios de saúde pública e continuar a alimentar as necessidades básicas, como as alimentares, é importante que a capacidade produtiva dos nossos agricultores e produtores seja ajudada pela distribuição e pelos consumidores. Como é fundamental apoiar os nossos pescadores no escoamento do resultado da sua faina, quantas vezes em condições muito agrestes.

Comprar produtos portugueses é uma opção de qualidade, de solidariedade e de sentido de futuro. Pode ser a diferença entre desaproveitar os produtos que já estão prontos a colher e viabilizar a manutenção da atividade agroalimentar de muitos cidadãos, economias locais e regiões.

Este é, uma vez mais, tempo de dar expressão à valorização do interior, dos pequenos produtores e dos produtos tradicionais que, demasiadas vezes não vemos nos pontos finais de distribuição, ao invés de produtos importados.

Em tempo de pandemia, devemos ficar em casa, não podemos ir à terra na Páscoa e há quem tenha crescentes dificuldades, por via da redução dos rendimentos. Mas se muitos não vão à terra, podem e devem consumir produtos portugueses e exigir que as cadeias de distribuição assegurem o escoamento do resultado do trabalho dos nossos agricultores e produtores.

É preciso reafirmar a confiança no enorme potencial agroalimentar de Portugal, dos impulsos que nos últimos anos têm sido concretizados de valorização dos produtos tradicionais e de afirmação de novas abordagens e de novas produções. Esse Portugal que semeia, que cria,

que produz e que inventa formas de resiliência da ruralidade, precisa da distribuição e dos consumidores. Naturalmente, o Estado também tem de estar presente neste contexto de emergência.

Depois da emergência de saúde pública e das suas sequelas, teremos oportunidade para adotar novos mecanismos de projetar ainda mais no mundo digital o que produzimos no território nacional e que pode ser adquirido ao alcance de um clique ou para defender que, mesmo no contexto europeu, cada país possa ter uma capacidade produtiva de salvaguarda das necessidades em estado de emergência que deveria ser sempre salvaguardada nas oscilações da política agrícola comum.

Isso é depois. Agora é tempo de comprar português. De ajudar a escoar o que está nos campos e nas explorações, sendo fruto do labor de vivência e de sobrevivência de milhares de mulheres e homens comprometidos com o nosso mundo rural.

É tempo de a distribuição comprar e revender mais produtos portugueses e mais produções locais, pagando nos prazos mais curtos possíveis.

É tempo de os consumidores optarem pelos produtos portugueses, de produções locais, de gente fundamental para a manutenção da capacidade produtiva e das tradições.

Este é um tempo difícil e diferente. Todos precisamos de todos. Cada um pode fazer a diferença. Quando tiver de ir à mercearia, à loja ou ao supermercado, ou se o fizer pela internet, opte pelos produtos de origem nacional.

Como alguém dizia, também na agricultura o tempo é de maratona e não de sprints, mas para isso, para que continuemos a correr e a contar com os agricultores e os produtores, estes têm de continuar a produzir, a distribuir, e nós a comprar.

Depois da pandemia, muitos acertos nos hábitos, nos ritmos e nas opções gerais de política serão tomados, mas por agora o que importa é manter a economia a funcionar minimamente, o mundo rural a resistir e os portugueses a poderem ter acesso à produção nacional.

O nosso mundo rural merece essa confiança, dos distribuidores e dos consumidores. Juntos, vamos superar este desafio de saúde pública.



O PÃO QUE SOBRA À RIQUEZA MATAVA A FOME

O “Diário de Alentejo” de 28 de abril de 1970 publicava um pequeno texto de Urbano Tavares Rodrigues, “Pedra de alma Vidigueira”, falando de uma festa de Páscoa naquela vila.

“(…) Ceifeiros de Cuba, com os seus safões castiços, a camisa de riscado, a face erguida e teimosa, fazendo oitos com a voz, com tantas vozes, e entradas tão a tempo, que dava gosto ouvi-los. Palavras com o segredo do silêncio, queixumes duros como vértebras, olhos leais e singelos. É vê-los andar compassadamente – ai ruas da Vidigueira claras ruas de Abril, lavadas de tanta luz! O lencinho pimpão do rancho de Aldeia Nova de São Bento! Um dos solistas parece Quixote. Outro morde o azul da tarde como quem beija uma mulher e já a chora. Vem da aurora dos tempos o coro maduro dos vindimadores da Vidigueira. Vila Verde de Ficalho traz nos lábios a pedra polida, a pedra de sol, o fogo e a terra profunda, a terra vermelha.

É o momento do ensopado. Ceifeiros, vindimadores, almocreves, “artistas”, amigos da Vidigueira, de Ficalho, de Cuba, de Aldeia Nova, cada homem conquista o seu destino. Deve estar a sangrar o sol a pino sobre as azinheiras da serra do Mendro.

Aqui é o espaço de uma ternura viril, cheia de calos e cicatrizes, que só pode dizer-se pelo canto. O seio de uma flor abre-se numa fatia morena de pão.

Ainda se entoam quadras. Mas agora baixo. E um companheiro, ao meu lado inscreve no ouro leve do instante esta quadra de toda a gente:

O pão que sobra à riqueza
repartido pela razão
matava a fome à pobreza
e ainda sobrava pão.

Batem as nuvens como asas – ou será esta vontade de distância, de chegar ao amanhã? Que te parece, José António Moedas, tu que tão bem sabes falar do povo ao povo? Quem assobia a cor de esperança neste branco deslizar da cal?, nesta ruiva exaltação da família da Vidigueira hoje desfeita em sorrisos, amanhã outra vez presa aos seus varais?

O odor da festa, a brancura da alegria, a inocência do canto que nem sabe quando acusa, o que deplora, a quem invoca, porque é sempre ou lágrima de sol ou cristal de sofrimento…”



JOSE FERROLHO

REPORTAGEM

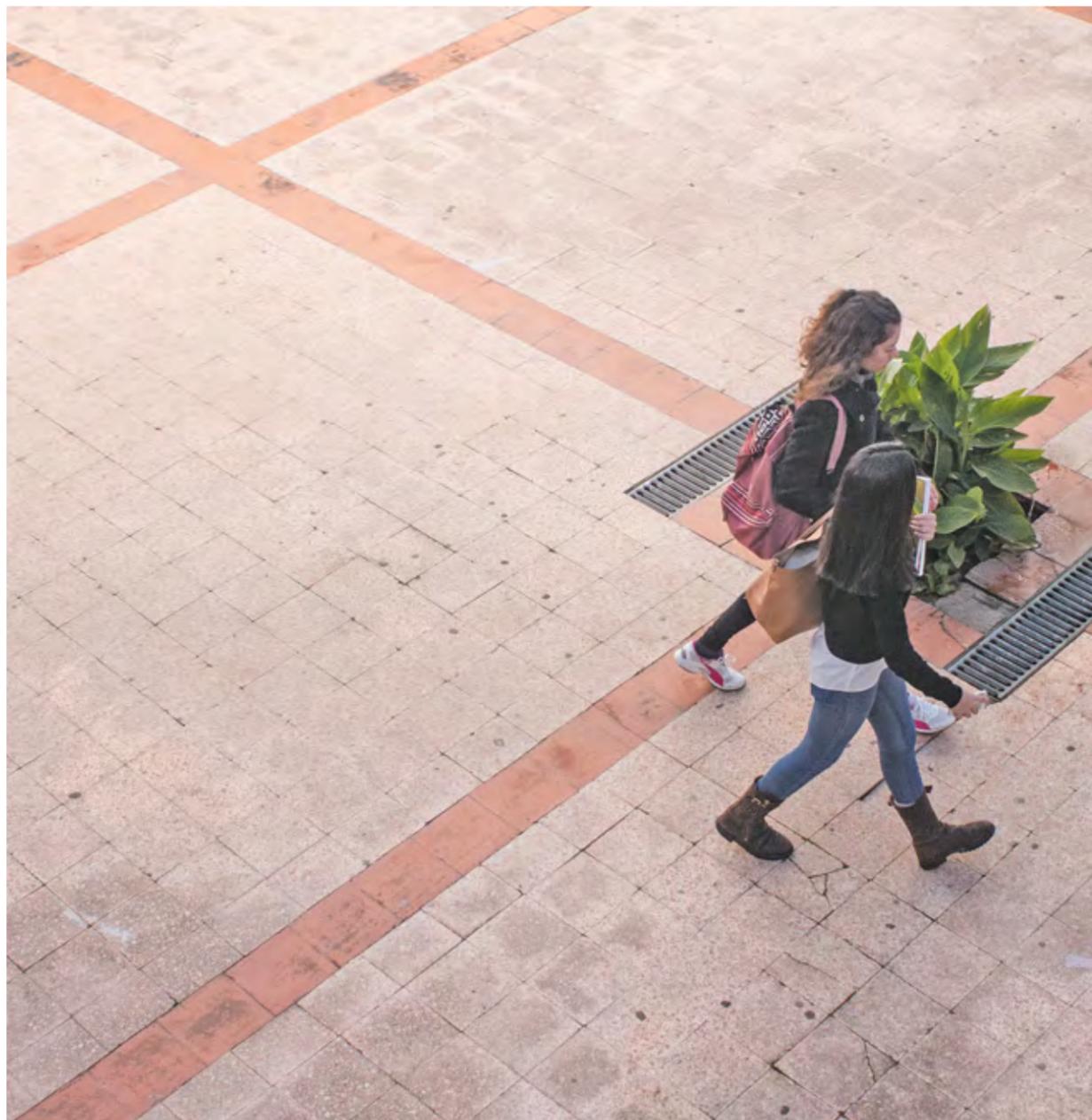
O último terço do ano letivo 2019/2020, agora iniciado, será totalmente lecionado, do 1.º ao 9.º ano de escolaridade, a partir de aulas e de conteúdos disponibilizados através de plataformas online e de canais televisivos, com a telescola, agora denominada #EstudoEmCasa, a constituir-se novamente como um veículo de transmissão de conteúdos educativos. Com professores, alunos e pais espalhados por uma “sala do tamanho do mundo”, o “Diário do Alentejo” foi auscultar as emoções que reinam nestes agentes da linha da frente na “nova escola”.

O terceiro período arrancou na passada terça-feira, dia 14, mas a maioria dos alunos já não regressará presencialmente à escola durante o decorrer do ano letivo. As escolas estão encerradas desde 16 de março, data em que o Governo, no âmbito das medidas de prevenção da covid-19, decidiu suspender todas as atividades letivas presenciais e os alunos trocaram a sala de aula por um espaço na sua casa, passando a ter aulas online e a receber os trabalhos escolares por via eletrónica.

Com o início do terceiro período regressa o modelo de ensino à distância para todos os alunos do 1.º ao 10.º ano, admitindo o Governo apenas o eventual regresso às escolas, em maio, dos alunos dos 11.º e 12.º anos, decisão que está ainda a ser equacionada.

A partir da próxima segunda-feira, dia 20, regressará também a telescola, aos ensinamentos pré-escolar e básico (os alunos do 10.º ano terão ensino à distância mas não com o apoio da televisão), iniciativa agora batizada pelo Governo como #EstudoEmCasa, uma “emissão televisiva de conteúdos pedagógicos” com o objetivo de se constituir como uma ajuda complementar ao trabalho dos professores e à qual todos os alunos, caso tenham televisão, poderão aceder.

Sofia Monteiro, presidente da Direção da Associação de Pais da Escola de Santiago Maior, em Beja, considera que os alunos desta instituição “terão de se adaptar, como todos os outros”, a esta solução de ensino à distância. Uma solução que trará novos desafios à relação entre professores, alunos e famílias, constituindo-se os pais, “pela capacidade de organizar e apoiar a realização dos trabalhos enviados pelos professores”, e a existência de meios próprios necessários – computador, Internet, televisão – elementos



fundamentais para o sucesso desta adaptação educativa.

“Preocupa-nos que em muitos casos estas condições não estejam asseguradas”, diz Sofia Monteiro, considerando que “muitos alunos ficarão excluídos deste processo [de aprendizagem]” e que “se nada for feito, lacunas mais ou menos significativas se irão refletir nos próximos anos de formação”. Um comprometimento que poderá advir da falta de meios informáticos e da dificuldade de alguns pais em

“acompanharem e organizarem o estudo e as tarefas” que as aprendizagens exigem.

“Alunos provenientes de meios onde existem vários tipos de carências podem ficar em grande desvantagem. Falamos de carências materiais, de competências escolares e de estabilidade emocional. Existem ainda os alunos com dificuldades e/ou deficiência, de natureza variada, cujo processo de aprendizagem e estimulação requer professores de ensino especial, técnicos e meios especializados”, ficando, na ausência destes, “completamente desprotegidos, pese embora as orientações dadas às equipas multidisciplinares, que com eles trabalham nas escolas”.

“É preciso que se saiba que, para muitos destes alunos, ficar parado por quatro ou cinco meses representa retrocesso, perda de qualidade de vida e até de condições de saúde e de bem-estar. Conhecer as dificuldades com que nos deparamos, no contexto específico da escola de Santiago Maior e das outras escolas do mesmo agrupamento, tem de nos levar a procurar soluções para além das propostas pelo Ministério da Educação”, refere Sofia Monteiro.

A ALTERNATIVA POSSÍVEL O ensino à distância “é a alternativa possível”, mesmo sendo “claramente menos eficaz do que o ensino presencial”, diz Fernando Évora, professor do 3.º ciclo e do secundário no Agrupamento de Escolas de Odemira. “Não havendo a proximidade, não temos a perceção clara das dificuldades dos alunos. Também se torna mais difícil perceber os seus anseios, os seus problemas, os seus sonhos, em suma, compreendermos o outro, que deve ser o ponto de partida de qualquer relação. E, claro, a promoção de uma educação para a cidadania é quase uma miragem nestas condições”.

E os receios do Fernando Évora continuam: “Ausência de retorno por parte dos alunos que me permita melhorar a prática pedagógica; não saber ao certo quem está a fazer os trabalhos sugeridos; não tirar todo o partido dos meios tecnológicos, pois apesar das formações e do esforço desenvolvido, a minha formação e crescimento não aconteceram na era digital”. Na sua opinião, há o risco de muitos alunos ficarem fora deste sistema de ensino, seja por não terem computador ou acesso à Internet, seja porque venham a “desligar”

Terceiro período arranca com ensino à distância. Plataformas online e regresso à telescola fazem parte da solução encontrada

escola



do registo virtual “e interiorizem a ideia de facilitismo”.

Mudam as idades, mantêm-se as preocupações. “Os meus alunos pertencem a uma faixa etária entre os 6 e os 8 anos, o que torna este processo ainda mais complicado. Além disso, a minha turma tem muitos alunos de etnia cigana, sem computador, sem internet e por isso sem forma de acederem a meios tecnológicos”, diz Conceição Costa Lobo, professora do 1º e do 2º ano no Agrupamento de Escolas de Vidigueira, acrescentando que a solução encontrada para estes alunos passa pelo envio de fichas de trabalho e uma conversa telefónica diária com os pais para esclarecimento de dúvidas. “Relativamente às outras famílias, criei um grupo privado de Facebook e utilizamos a plataforma Zoom”.

Para além destas hipóteses tecnológicas, a Moodle e a Google Classroom são outras alternativas com que Conceição se prepara para abordar o terceiro período letivo. Mas, mesmo munida de todas essas ferramentas, receia não conseguir criar condições para que todos tenham as mesmas oportunidades de aprendizagem, e que fatores como a desmotivação

e a dificuldade dos encarregados de educação para ajudar possam promover uma diferenciação indesejada. “Este é o maior desafio que já tive enquanto professora e também o está a ser para os meus alunos e para toda a comunidade educativa”.

Tal como a colega Conceição, Ana Carla Feixeira, professora do 1º ano no Agrupamento de Escolas nº1 de Beja, considera a idade dos alunos uma dificuldade acrescida para o ensino à distância, e teme que os conteúdos na televisão sejam insuficientes sem o complemento do professor. E esse complemento, ao ser feito com recurso às tecnologias, vai criar vários constrangimentos: incapacidade técnica dos alunos; necessidade da presença do adulto, que pode estar a trabalhar e não conseguir dar esse apoio; e dificuldade nos recursos disponíveis.

“Será justo estarmos, numa altura como esta, a criar um ensino de classes, em que quem pode receber o ensino e quem não pode fica de fora? Todos têm de ter oportunidades iguais no que concerne à aprendizagem”, desabafa. Os receios de Ana Carla centram-se essencialmente na diferença que a “nova escola” pode promover entre os alunos. “Nenhum aluno é igual, existem diferentes ritmos de aprendizagem e em sala de aula consigo detetar as diferenças e trabalhá-las individualmente”. Outra preocupação prende-se os recursos tecnológicos, e os exemplos que avança são a forma de receção de conteúdos televisivos, TDT ou pacote pago, e o ter ou não ter um computador apetrechado para o efeito.

RECEIOS DE PAIS E ALUNOS A frequentar o 11º ano no Agrupamento de Escolas nº 2 de Beja, Mariana Madeira, 16 anos, considera que, não sendo o ideal, até porque pode incentivar alguma “desonestidade”, a solução encontrada – e que, no seu caso, poderá passar por um regresso a aulas presenciais – acaba por ser a melhor alternativa face ao cenário que se vive. “Tenho algum receio de não conseguir subir as notas com a mesma facilidade, e receio também poder ser prejudicada na preparação para os exames”.

Quem já não voltará à escola até final do ano letivo é Luís Amarelinho, 13 anos, aluno do 8º ano no Agrupamento de Escolas nº1 de Serpa. Apesar de reear a ausência presencial dos professores quando tiver dúvidas para esclarecer, e também não saber como vai funcionar o novo conceito de escola, considera que o ensino à distância “é bom porque assim não nos atrasamos nas

matérias e é uma forma de estarmos em contato com os nossos colegas e professores, mesmo que seja virtualmente”.

Aluno do 8º ano do Agrupamento de Escolas da Amareleja, Guilherme Valente, 13 anos, confessa que não lhe agrada a “nova escola”, pois preferia o contacto com os professores. Já sobre os receios que o acompanham, identifica-os assim: “Perder as aulas por falhas de internet ou televisão. Tenho mais dois irmãos que frequentam a mesma escola e por isso não vai ser fácil. Também tenho receio em relação ao tempo que vou ter para a realização das atividades”.

São dúvidas partilhadas pelos encarregados de educação. Lúcia Panóias é mãe de um filho a frequentar o 11º ano no Agrupamento de Escolas nº 2 de Beja. Dadas as circunstâncias, considera que o ensino à distância é uma alternativa válida, e como também vai estar em regime de teletrabalho espera conseguir gerir a situação com alguma tranquilidade: “O meu receio é a deficiente preparação do meu educando, com a agravante de ter de realizar exames”. Como estratégia de compensação, pondera as explicações online, nas disciplinas em que vai realizar exame, a exemplo do que já vinha a fazer de forma presencial.

Ana Isabel Pinheiro tem dois filhos na escola. O mais novo, de sete anos, frequenta o 2º ano, e a mais velha, de 15 anos, frequenta o 10º ano, ambos no Agrupamento de Escolas nº 1 de Beja. O ensino à distância é a alternativa possível, mas para ser viável obriga a ajustes nas rotinas da família. Ana Isabel vai chamar a si a responsabilidade de acompanhar a aprendizagem dos filhos, o que implica a redução do tempo de trabalho e a consequente diminuição dos rendimentos do agregado. Dois filhos, duas preocupações distintas. Se para o mais novo, o foco se prende essencialmente com as regras e as obrigações que é preciso inculcar, com a mais velha, os receios moram no manter das avaliações, porque já contam para entrar na faculdade.

“À partida não será uma situação fácil, pois também eu, como professora, estou numa fase de aprendizagem da formação à distância”, diz por sua vez Maria de Lurdes Palma, cujo filho frequenta o 8º ano no Agrupamento de Escolas nº 1 de Serpa. Maria de Lurdes considera que o ensino à distância é uma boa alternativa, pois vai manter os alunos ligados aos conteúdos essenciais. Porém, há a preocupação de não conseguirem dominar as ferramentas de aquisição de aprendizagens.

Alguém se lembra do “Magalhães”?

FRANCISCO MARQUES PROFESSOR

Vivemos hoje um momento de incerteza, de angústia, de reflexão, que nunca, nem nos nossos mais negros pensamentos, imaginámos. Para além da grande problemática relacionada com a ameaça direta à saúde pública, à qual todos nós estamos sujeitos pela quase omnipresença deste terrível inimigo público que nos espreita a cada esquina, que se multiplica de forma exponencial a cada segundo, que continua impune pois ainda não tem adversário que lhe consiga fazer frente, debruçemo-nos sobre um efeito colateral originado por esta pandemia mundial: A forma como vamos ter que encarar a “escola” e como vamos ter que alterar os nossos métodos de ensino/aprendizagem.

Atualmente, por muito que se tente fazer para acabar com esta pandemia, é importante começar por referir que ninguém estava preparado para uma situação desta gravidade e com esta dimensão, e a escola que temos não é exceção. Contudo, é necessário salientar que já há muito tempo que os académicos que se debruçam sobre a “escola” vêm chamando a atenção para o desajuste do sistema e das metodologias face aos novos desafios da sociedade atual. Assim, a este respeito, temos que lamentar a nossa inércia ao longo de todos estes anos, mas, simultaneamente, não podemos esquecer alguns visionários que tivemos entre nós e que, talvez se tivessem sido levados em conta, as suas ideias podiam ter contribuído para que hoje a situação fosse bem diferente.

Será que ainda alguém se lembra do célebre (e polémico) “Magalhães”?

Em meu entender, como forma de repensar a escola e, conseqüentemente, todo o processo de ensino/aprendizagem, a sua utilização pelos alunos nas escolas era, talvez, o mais ambicioso projeto alguma vez apresentado pelo Ministério da Educação para a comunidade educativa em geral, como forma de contribuir para acompanhar a evolução tecnológica e as necessidades de uma sociedade moderna. Abrangendo, de uma forma gradual, todos os alunos do 1.º ciclo do ensino básico e entrando nos lares portugueses de uma forma natural e quase que como mais um simples eletrodoméstico, a filosofia que estava inerente a este projeto foi vista pelos mais céticos de uma forma redutora, entre outros motivos, por não ter efeitos imediatos. Porém, o que deveria ter sido valorizado neste projeto era a sua visão prospetiva e de futuro, moderna e impulsionadora, de uma escola nova que poderia hoje ter soluções mais adequadas para os problemas com que atualmente nos deparamos e dar uma resposta bastante diferente daquela que agora pode dar.

Todos sabemos que na altura o projeto teve algumas críticas menos favoráveis, principalmente no que toca à forma como foram desencadeados alguns procedimentos administrativos para a aquisição dos equipamentos, assim como pela própria concessão da construção dos equipamentos ter sido adjudicada a uma empresa portuguesa, parceira da Microsoft, etc., o que deu origem a que mais tarde acabasse por “cair”. Mas, não é isso que aqui pretendemos relembrar. À parte desse imbróglie, estavam os seus possíveis utilizadores, as crianças, os alunos que poderiam ter entrado num mundo tecnológico em que se pretendia que o analfabetismo adquirisse um novo conceito.

Nessa altura, a escola em Portugal podia ter-se transformado e a educação podia ter assumido uma perspetiva mais moderna e atualizada com a adoção do projeto e através da implementação de um plano tecnológico que a ele estava associado. Hoje poderíamos ter um dos melhores rácios do mundo, no que diz respeito ao número de alunos por computador, poderíamos ser uma das sociedades educativas que mais utilizava os computadores e as “novas tecnologias” e todas as nossas escolas poderiam estar ligadas por banda larga de alta velocidade. Tudo isto poderia fazer com que os constrangimentos por que estamos a passar fossem bem diferentes, pois poderíamos estar melhor preparados para fazer face a esta alteração do paradigma que quer levar-nos a substituir o ensino presencial, a que nos habituámos e perpetuámos durante décadas, por um ensino à distância, de um dia para o outro.

DESPORTO

“O xadrez desportivo é um jogo de estratégia que consiste em definir e atingir um objetivo, que é a vitória final numa partida. Para isso tem de se utilizar uma tática adequada, movimentando as peças de forma a obter vantagem material ou posicional. Qual a minha peça preferida? Poderia dizer que é a dama, já que é a peça mais forte e que pode ser decisiva no desfecho de uma partida. Mas, sendo um jogo de estratégia, todas as peças são importantes para se obter a vitória final”.



TEXTO E FOTO FIRMINO PAIXÃO

David Barbosa nasceu em Lisboa há 65 anos, no seio de uma família com raízes no Alentejo e na Beira Alta, mas considera-se mais um de nós, alentejanos: “Embora tenha nascido em Lisboa, sou alentejano, pois frequentei a escola primária e o liceu no Baixo Alentejo, tendo depois residido durante mais de 20 anos em Lisboa, regressando nos anos noventa por motivos pessoais”. O atual presidente da Associação Distrital de Beja de Xadrez e do Clube de Xadrez de Ferreira do Alentejo, desfiando as recordações de infância diz lembrar-se de o pai o ter “ensinado a mover as peças e, com colegas de escola, ter praticado a modalidade de forma recreativa, embora, como todos os jovens, além do xadrez, tenha praticado as modalidades físicas: atletismo, basquetebol e ténis de mesa. Quando entrei para a universidade, em 1971, continuei a desenvolver a paixão pelo xadrez desportivo”.

Estudou no Instituto Superior Técnico, em Lisboa, onde frequentou engenharia mecânica e, mais tarde, gestão de empresas, “porque estava colaborando no movimento associativo como dirigente”. Habilitado com o título profissional de treinador de desporto e de árbitro nacional “dediquei-me em particular ao treino de jovens. Como árbitro, tenho participado nos campeonatos e torneios nacionais e distritais.”

Nos anos noventa, David

Barbosa regressou ao Baixo Alentejo. “Foquei-me no ensino do xadrez desportivo, iniciando a atividade no Externato António Sérgio, em Beringel, ao nível do Desporto Escolar”. Posteriormente, convidado para desenvolver a modalidade no Agrupamento de Escolas nº 1 de Beja (Escola Escola Básica de Santa Maria), onde esteve durante oito anos, viu o xadrez obter grande êxito e isso levou a que, no âmbito da Direção Regional de Educação do Alentejo se criassem grupos de xadrez nas escolas dos distritos de Beja, Évora, Portalegre e Litoral Alentejano. “O reconhecimento do sucesso da introdução do xadrez desportivo, nas escolas de Beja foi expresso por um elogio público, aprovado pelo conselho geral do Agrupamento de Escolas nº 1 de Beja”.

Como praticante foi ainda mais além. “Iniciei a prática desportiva federada, individualmente e por equipas, representando o Clube de Xadrez de Ferreira do Alentejo, que venceu, numa época, a Série F da III Divisão, e participou num Campeonato Nacional da II Divisão mas, atualmente, a minha participação na modalidade é mais significativa como dirigente, árbitro nacional e treinador, do que propriamente como atleta”.

Na sua vertente de dirigente, David Barbosa conta que a Associação de Xadrez de Beja foi fundada pelo professor Manuel Serra, em 1989. No entanto, o registo definitivo apenas foi efetuado pelo Clube de Xadrez de Ferreira do Alentejo em 1998, “que participando nas assembleias gerais por intermédio de um delegado, se apercebeu da conveniência de haver uma associação de xadrez no Baixo Alentejo, para melhor promover o seu desenvolvimento”.

A atividade da Associação de Xadrez de Beja, revela, “foi reconhecida pela Federação Portuguesa de Xadrez (FPX) que lhe outorgou um prémio ao

mérito e prestígio”. E como está hoje a modalidade no distrito de Beja? “Neste momento, além do clube de Ferreira do Alentejo, também o Clube de Xadrez da Vidigueira participa em competições oficiais”.

Quanto à sua experiência federativa, o xadrezista recorda ter integrado a mesa da assembleia geral e sido vice-presidente da federação, “numa altura de crise no movimento associativo no xadrez, em que foi proposta a extinção da FPX e venda do seu património em Lisboa, devido a uma situação financeira difícil. Não concordámos com essa solução e com o apoio das associações de Lisboa e de Beja tivemos a maioria de votos, necessária para impedir a extinção da FPX.”

Durante o seu mandato, acrescentou, “tivemos a possibilidade de reorganizar a federação, equilibrando a situação financeira e lançando as bases para o desenvolvimento sustentado da modalidade”. Assumindo a ideia de que muito lhe falta ainda fazer em prol do xadrez, David Barbosa pode também orgulhar-se da organização do Torneio Aberto de Ferreira do Alentejo. “As duas edições realizadas foram as provas mais importantes em que participei e que mais satisfação me deu dirigir. Sendo torneios de excelência, destinados a proporcionar a obtenção de ‘normas’ de grande mestre aos atletas participantes, atingiram o nível máximo na edição de 2019, tendo um atleta da China obtido uma ‘norma’. Sendo um dos principais torneios de xadrez da União Europeia, é fundamental no circuito nacional de provas clássicas”.

Em jeito de xeque-mate, refere que “sintomático do êxito da última edição, foi o facto de um grande mestre da Ucrânia ter enviado uma mensagem à organização elogiando o torneio e perguntando quando seria a edição de 2020”. Uma pergunta para a qual não há resposta, devido à situação de pandemia provocada pela covid-19.

David Barbosa

xadrez



O executivo do Futebol Clube de São Marcos, presidido por Joel Tomé, atento à necessidade dos seus concidadãos se protegerem do alastramento da pandemia do novo coronavírus, decidiu disponibilizar embalagens de soluções alcoólicas antissépticas aos habitantes de São Marcos de Ataboeira (Castro Verde).

Francisco Agatão (Praiense) vê-se, novamente, impedido de subir à II Liga

UMA TREMENDA INJUSTIÇA

Pela segunda época consecutiva, o Praiense, treinado pelo bejense Francisco Agatão, vê-se impedido de atingir o objetivo que perseguia, a promoção à II Liga do futebol português. Uma "liguilha" a oito clubes pode ser a solução da Federação Portuguesa de Futebol para encontrar os dois emblemas a promover.

TEXTO EFOTO **FIRMINO PAIXÃO**



O Praiense liderava a Série D, com 53 pontos, 11 de avanço sobre o segundo classificado, mas não está entre as equipas mais pontuadas das quatro séries. Essas são o Vizela e o Arouca e esse pode ser um dos critérios de promoção, embora esteja em análise uma "liguilha" a oito ou dezasseis clubes. Francisco Agatão, com o profissionalismo e seriedade que lhe são reconhecidos, adianta que lhe cabe "aceitar a decisão, por mais injusta que possa parecer, por premiar o demérito e não valorizar aqueles que por mérito próprio estavam na frente das séries".

Como é que nessa bela cidade da Praia da Vitória se tem vivido este drama da pandemia da covid-19?

Temos vivido estes dias com enorme apreensão, expectativa e receio, mas felizmente para todos têm-se cumprido as ordens emanadas pelas entidades da saúde pública. Comparativamente a outras cidades existem poucos casos e todos os que há foram importados por pessoas naturais da ilha que viajam para fora do País.

Em algum momento acreditou que o campeonato se poderia concluir?

A avaliar pela forma como o vírus se tem disseminado seria muito difícil que voltássemos a competir nesta época desportiva. A solução que foi adotada, não me cabe a mim discutir-la, sou apenas treinador profissional de futebol, mas uma coisa sei: a anulação das provas foi uma tremenda injustiça para todos os que, à data da interrupção da competição, estavam na frente do campeonato e mostraram, dentro do campo, serem os mais regulares.

A comissão de clubes do Campeonato de Portugal propôs uma alargamento/reestruturação das provas, mas a Federação Portuguesa de Futebol (FPF) e a Liga não aceitam alargamentos. Que lhe parece?

Tivemos conhecimento da proposta de alargamento por parte da comissão dos clubes que disputam o Campeonato de Portugal. Aguardamos a decisão da FPF e da Liga, que também é parte interessada. Se a decisão passar por não haver alargamento, penso que perdemos uma excelente oportunidade para se realizar a reforma das competições que, já há algum tempo, se revelam penalizadoras para os mais regulares. Na história do futebol português já houve alargamentos por motivos de menor gravidade do que o momento que se vive. Não é uma decisão fácil, nunca irá colher unanimidade. Mas, sem qualquer tipo de egoísmo, sei que se a proposta fosse aceite, far-se-ia justiça e reconhecer-se-ia o mérito a quem, após 25 jornadas, conquistou, no campo, o direito de estar na frente da sua série.

Será, uma vez mais, injusto que o Praiense, com o excelente percurso que tem feito esta época, não poder lutar pela subida à II Liga?

Em face da decisão da FPF de cancelar os campeonatos e, por conseguinte, não haver descidas nem subidas de divisão, a janela que se abre para as duas equipas que vão subir à II Liga ainda não é do nosso conhecimento. Não sabemos o critério que vão adotar para as escolher, nem iremos comentar, sendo certo que nunca iremos deixar de reconhecer que, seja ele qual for, será sempre injusto. Desejariamos conseguí-lo dentro do campo mas, se não puder ser, vamos acreditar que quem decide, tenha a capacidade de perceber e tenha em consideração o esforço, a dedicação e o mérito das equipas que se encontram, por serem as mais regulares, na frente das respetivas séries.

Os 11 pontos de avanço sobre o segundo classificado refletem bem

o que vinha a ser a supremacia do Praiense?

Apesar de não termos tido um início de campeonato regular, muito pelo facto de não termos a possibilidade de realizarmos jogos que no dessem o andamento competitivo necessário para enfrentarmos um campeonato tão difícil como aquele em que participamos, conseguimos, a partir da sexta jornada, uma série de vitórias que nos permitiu ganhar a vantagem que dispomos neste momento e que, no fundo, refletem a regularidade da equipa na prova.

Qual o segredo deste sucesso? A qualidade do trabalho e a humildade com que encaram os compromissos?

O segredo do sucesso passa sempre pelo trabalho diário e, neste caso, pelo maravilhoso grupo que tenho o privilégio de liderar. Compromisso, carácter, dignidade, paixão, profissionalismo e muita humildade, a par da qualidade individual e coletiva, têm sido os fatores determinantes nesta brilhante caminhada.

Está confiante no futuro, apesar dos obstáculos que vão surgindo?

Temos confiança no nosso trabalho e, naquilo que depender de nós, tê-la-emos sempre, enquanto exercermos esta profissão mas, muito sinceramente, vejo um futuro muito sombrio, não só pela tragédia que se abateu sobre o mundo, mas também por tudo aquilo que daí advirá. Nada será como antes.

Agora é tempo de regressar ao Alentejo?

Agora é tempo de deixarmos que esta pandemia acalme, que o espaço aéreo reabra e possamos regressar para junto dos nossos, com alguma frustração é certo, mas com a consciência do dever cumprido e com a certeza de que, mais uma vez, fizemos tudo em prol duma cidade, duma região e de um seu clube, o Sport Clube Praiense.

Diário do Alentejo n.º 1982 de 17/04/2020 Única Publicação



CÂMARA MUNICIPAL DE ALJUSTREL

AVISO

RELATÓRIO DE PONDERAÇÃO DA DISCUSSÃO PÚBLICA DA UNIDADE DE EXECUÇÃO DA ÁREA EMPRESARIAL DE ALJUSTREL

Dr. Nelson Domingos Brito, Presidente da Câmara Municipal de Aljustrel:

Faz saber, para efeitos do n.º 6 do artigo 89.º do Decreto-Lei n.º 80/2015, de 14 de maio, que o Relatório de Ponderação da Discussão Pública da Proposta de Delimitação e Fundamentação de Unidade de Execução da Área Empresarial de Aljustrel está disponível, para consulta dos interessados, na secretaria da Divisão Técnica da Câmara Municipal, sita na Av. 1.º de Maio, todos os dias úteis durante as horas normais de expediente, e no sítio da internet: www.mun-aljustrel.pt.

06 de abril de 2020.

O Presidente da Câmara
Nelson Domingos Brito

Diário do Alentejo n.º 1982 de 17/04/2020 Única Publicação



CÂMARA MUNICIPAL DE ALJUSTREL

AVISO

RELATÓRIO DE PONDERAÇÃO DA DISCUSSÃO PÚBLICA DA UNIDADE DE EXECUÇÃO DA ÁREA EMPRESARIAL DE ERVIDEL

Dr. Nelson Domingos Brito, Presidente da Câmara Municipal de Aljustrel:

Faz saber, para efeitos do n.º 6 do artigo 89.º do Decreto-Lei n.º 80/2015, de 14 de maio, que o Relatório de Ponderação da Discussão Pública da Proposta de Delimitação e Fundamentação de Unidade de Execução da Área Empresarial de Ervidel está disponível, para consulta dos interessados, na secretaria da Divisão Técnica da Câmara Municipal, sita na Av. 1.º de Maio, todos os dias úteis durante as horas normais de expediente, e no sítio da internet: www.mun-aljustrel.pt.

06 de abril de 2020.

O Presidente da Câmara
Nelson Domingos Brito

Diário do Alentejo n.º 1982 de 17/04/2020 Única Publicação



CÂMARA MUNICIPAL DE ALJUSTREL

AVISO

RELATÓRIO DE PONDERAÇÃO DA DISCUSSÃO PÚBLICA DA UNIDADE DE EXECUÇÃO DA ÁREA EMPRESARIAL DE SÃO JOÃO DE NEGRILHOS

Dr. Nelson Domingos Brito, Presidente da Câmara Municipal de Aljustrel:

Faz saber, para efeitos do n.º 6 do artigo 89.º do Decreto-Lei n.º 80/2015, de 14 de maio, que o Relatório de Ponderação da Discussão Pública da Proposta de Delimitação e Fundamentação de Unidade de Execução da Área Empresarial de São João de Negrilhos está disponível, para consulta dos interessados, na secretaria da Divisão Técnica da Câmara Municipal, sita na Av. 1.º de Maio, todos os dias úteis durante as horas normais de expediente, e no sítio da internet: www.mun-aljustrel.pt.

06 de abril de 2020.

O Presidente da Câmara
Nelson Domingos Brito



A Associação Desportiva de Beja 1916, entidade organizadora do VII Torneio de Futebol Infantil Cidade de Beja – Beja Cup 2020, mantém em aberto a sua realização para os próximos dias 10 a 14 de junho, ponderando as atuais restrições à realização de atividades desportiva mas, na convicção de que nessa altura os impedimentos estejam ultrapassados.

Federação Portuguesa de Futebol cancelou o Campeonato de Portugal

TEMPO DE FRUSTRAÇÃO

A Federação Portuguesa de Futebol cancelou o Campeonato de Portugal, suspenso desde o dia 12 de março, numa altura em que ainda faltavam nove jornadas para a prova se concluir. A decisão foi tomada num tempo em que ainda não se deve baixar a guarda, na luta contra a pandemia da covid-19.

TEXTO E FOTO FIRMINO PAIXÃO

A decisão não colheu os clubes de surpresa. Surpreendente terá sido a ordem de cancelamento não ter sido logo acompanhada de medidas mais objetivas quanto à forma de apuramento dos

dois clubes que, na próxima época desportiva, serão integrados na II Liga. Os sentimentos vividos em todo o universo deste campeonato, que integrava 72 equipas, enquadradas em quatro séries, dividiram-se entre as expressões de alívio e de frustração.

O Campeonato de Portugal é um puzzle bastante heterogéneo. Há clubes geridos por sociedades anónimas desportivas, com apostas fortes na promoção ao escalão superior, outros com investimentos muito cautelosos e moderados e, quiçá uma terceira franja, com orçamentos francamente limitados.

A decisão do órgão que tutela o futebol não profissional

contemplou que “não seriam atribuídos títulos, nem aplicado o regime de subidas e descidas”, acrescentando que, mais adiante, “serão indicados os dois clubes que acedem à II Liga”. Ora, com este quadro, todos os clubes que, à data em que a prova foi dada por concluída, ocupavam lugares na zona de despromoção, alguns ainda alimentando esperanças de poderem emergir, outros nem tanto, beneficiaram imediatamente desta bónus de manutenção administrativa, podendo, de imediato, dispensar os jogadores, salvaguardando, naturalmente, os compromissos contratuais.

Entre os emblemas aliviados

com o fim do campeonato estão o Aljustrelense e o Lusitano de Évora, os dois únicos representantes da grande região alentejana à escala do futebol nacional. Os eborenenses estavam na décima quinta posição, os mineiros na décima sétima, numa série com dezoito clubes. Para uns e para outros, tratou-se de uma decisão “abençoada” que veio acabar com as incertezas, promover a poupança de recursos e libertar espaço para fazer incidir o foco já na próxima temporada.

Mas este não é o pensamento das equipas que ocupavam os primeiros lugares e lutavam pela subida de divisão. Na Série D, o Olhanense e o Real estavam empatados em pontos mas, por exemplo,

na Série C, o Praisense, treinado pelo bejense Francisco Agatão, liderava a classificação com 11 pontos de avanço.

E agora? Quem serão as duas equipas a promover à Liga II. O Vizela (com 60 pontos) e o Arouca (com 58) são as equipas mais pontuadas entre os quatro líderes de série mas, se forem escolhidas diretamente, subverte-se o regulamento da prova, que prevê uma “liguilha” entre os dois primeiros classificados de cada série. Vamos ver, esta semana, se não as houve já, devem estar por aí as decisões que, seguramente, não serão do agrado de todos. A preservação da saúde está primeiro e, nisso, estamos todos de acordo.

A Associação de Futebol de Beja cancelou os campeonatos de seniores

UMA ÉPOCA PERDIDA

Uma hora depois de a Federação Portuguesa de Futebol ter cancelado os campeonatos de seniores, também as suas filiadas regionais seguiram o exemplo da tutela. Na área da Associação de Futebol de Beja foram cancelados os campeonatos distritais da primeira e da segunda divisão.

O regime foi em tudo semelhante às orientações da “casa mãe”. Concluir os campeonatos “sem vencedores e fixando como definitivas a tabela classificativa estabelecida à data da suspensão das competições”. Contudo, aqui parece ter ficado em aberto uma porta de saída para as equipas que, no momento do cancelamento, lideravam as respetivas provas, porquanto a Associação de Futebol de Beja refere que “oportunamente será emitido comunicado oficial respeitante às consequentes implicações desportivas, tais como subidas e descidas, depois de ouvidos os clubes e de acordo com outras decisões que a Federação Portuguesa de Futebol possa divulgar sobre esta matéria”.

Vejamos então qual o cenário em que as provas forma concluídas. O Moura Atlético Clube liderava o Campeonato Distrital da I Divisão, a oito jornadas do final, com dez pontos de avanço sobre o segundo classificado (o Vasco da Gama) e 20 sobre o terceiro (o Milfontes). Não tinha nada



Campeonato O Moura Atlético Clube tinha tudo para ser campeão distrital, mas está em dúvida o seu regresso ao futebol nacional

conquistado, mas andava lá perto. Tinha um pé no título e na consequente promoção ao Campeonato de Portugal, objetivo pelo qual lutou ao longo da época. E agora? Que cenário se abrirá sobre o futuro dos mourenses?

No segundo escalão, o União Serpense, investindo deliberadamente na progressão até ao patamar nacional, liderava a Série A, perfeitamente distanciado do Salvadense (a sete pontos) e do Alvernoense (a 17), emblemas

que estavam em posição de disputar a segunda fase, para apuramento de duas equipas a promover ao escalão principal. Na Série B o Naverredondense era líder isolado, com o Negrilhos a três pontos e o Messejanense

a seis, quando faltava uma jornada para concluir a primeira fase da prova. Será que, pelo menos, os líderes verão o seu mérito premiado com uma hipotética promoção ou foi uma época perdida? Vamos ver... FP

empresas

Empresas de vinhos recorrem ao online para “fintar” a covid-19

Vendas em queda e eventos cancelados são as maiores preocupações dos produtores

As empresas da área dos vinhos, à semelhança de muitas outras, tiveram de reestruturar-se e adaptar-se rapidamente aos novos tempos da pandemia da covid-19. O maior impacto foi no setor das vendas, dos eventos e no contacto com os clientes. Contudo, nas vinhas e nas adegas também tiveram de ser alterados procedimentos e postos em marcha os planos de contingência.

TEXTO MANUEL BAIÔA

A maioria das empresas alentejanas do setor dos vinhos avançou para o “homeworking” e “teletrabalho” sempre que as funções o permitem, levando à diminuição de colaboradores dentro das adegas e dos escritórios. A Adega Cooperativa de Vidigueira, Cuba e Alvito “aprovou o seu plano de contingência, dando início a algumas medidas de contenção, nomeadamente o encerramento das atividades de enoturismo e loja, a redução de reuniões internas e implementação das medidas extraordinárias de desinfeção”, conforme nos relatou Daniela de Almeida, do departamento de marketing e comunicação.

A Adega de Vidigueira está a desenvolver um projeto designado “Missão STOP – covid-19”, em parceria com a Unidade Local de Saúde do Baixo Alentejo (Ulsba) – para a produção de gel desinfetante. O departamento técnico iniciou o processo de pesquisa e produção deste produto que foi distribuído gratuitamente em dezenas de instituições de apoio e prevenção, especialmente nos concelhos de Vidigueira, de Cuba e de Alvito.

Filipe Teixeira Pinto, enólogo e administrador da Herdade do Sobroso, diz que o trabalho na adega continua, mas com “rotinas de desinfeção do pessoal e materiais mais apertadas”, que incluem o uso de luvas e máscaras. Por outro lado, os produtos e acessórios à produção, “que chegam dos nossos fornecedores, são submetidos a quarentena antes de serem usados”. Já no campo, “os trabalhos prosseguem naturalmente porque as videiras não esperam,



JOSE FERROLHO

têm de ser tratadas e granjeadas”. Contudo “o pessoal do campo anda em carreiras isoladas e nos momentos da refeição foram instruídos para guardarem uma distância de segurança. Foram proibidos empréstimo de material e reforçadas as condições de higiene”.

Maria Pica, “export manager” da Quinta do Paral, revela que também aqui foi posto em marcha um plano de contingência que passou por fechar o “atendimento ao público, o enoturismo e os serviços administrativos, que estão agora em teletrabalho”. Já na adega e na viticultura “continuamos a trabalhar com um plano muito apertado de cuidados de higiene em que todos os equipamentos são rigorosamente lavados e desinfetados diariamente e o plano de regras de higiene pessoal é cumprido à risca, em que cada funcionário tem o seu equipamento de proteção individual. Não se trabalha em grupo”.

No campo e na adega as empresas adaptaram-se e continuam a trabalhar com várias medidas de segurança. Já no setor dos eventos,

do enoturismo, das vendas e no contacto com os clientes, o impacto da atual paragem da atividade económica devido às medidas de combate à covid-19 é muito negativo e as empresas ainda estão a adaptar-se aos novos tempos.

Daniela de Almeida revela que a Adega Cooperativa de Vidigueira, Cuba e Alvito sofreu uma “quebra acentuada das vendas”, sendo este um problema transversal a todo o setor. De facto “com o fecho da restauração, temos uma paragem quase integral das vendas para o canal Horeca [setor da restauração]”. O mercado externo também baixou, mas para a Adega tem uma “baixa influência, porque a nossa quota de vendas para o exterior é muitíssimo reduzida”.

A Quinta do Paral, que tem produtos essencialmente destinado ao segmento médio e alto, tanto no mercado nacional como internacional, e que tem o seu foco comercial de vendas na restauração, garrafeiras e hotéis registou uma forte quebra de vendas “uma vez que todos os serviços nestes canais foram interrompidos

devido a este surto” pandémico, conforme confidencia Maria Pica. Ainda assim, a empresa acredita que em 2021 está mais “fortes e focada nos clientes que continuam a acreditar nos vinhos Quinta do Paral”.

Cátia Fonseca, responsável pela comunicação da Ribafreixo, revela que a empresa está a sofrer uma quebra acentuada nas vendas, em particular no mercado interno, onde “tivemos uma quebra de cerca de 95 por cento”, uma vez que o “canal Horeca está praticamente todo fechado e a nível de retalho existem grandes limitações. No mercado externo, já em janeiro sentimos uma quebra de cerca de 50 por cento, agora em março de cerca de 70 por cento e em abril prevemos que chegue aos 90 por cento”.

A maioria das empresas está a tentar ultrapassar a quebra nas vendas avançando na implementação e reestruturação das suas lojas online, tentando assim chegar diretamente aos consumidores. Cada uma destas lojas tem artigos promocionais, “packs” e isenção de pagamento de portes acima de

um determinado valor de compra.

A Comissão Vitivinícola Regional Alentejana (CVRA) está ciente das dificuldades que os seus associados estão a sofrer e por isso lançou uma plataforma online através do seu site – www.vinhosdoalentejo.pt – com o objetivo de ajudar os produtores a desenvolver o seu negócio num contexto turbulento como o atual. Desta forma, os consumidores podem ter acesso aos seus vinhos preferidos de uma forma simples, rápida e segura, já que a plataforma os redireciona diretamente para a página do produtor na qual podem finalizar a compra e receber o vinho em casa.

Neste momento já são cerca de 49 os produtores presentes nesta plataforma. Para Francisco Mateus, presidente da CVRA, “é imperativo estarmos ao lado dos nossos produtores e consumidores, pelo que esta foi a forma que encontramos de os ajudar num momento de crise como o que vivemos”.

“Trata-se de uma forma segura de promovermos a economia da nossa região que, tal como as restantes zonas do país, tem sido bastante afetada por esta pandemia mundial. Acreditamos que esta medida é relevante e útil para os consumidores de vinho que podem receber as suas compras diretamente nas suas casas”, sublinha Francisco Mateus, dizendo-se esperançado em “ver em breve os vinhos do Alentejo expostos nos restaurantes, lojas e outros locais onde sempre marcaram presença de forma destacada”. No entanto, a compra online é neste momento, “a forma mais segura de adquirir os vinhos da nossa região”.

A área dos eventos também foi seriamente afetada, uma vez que foram canceladas todas as feiras e provas de vinhos em garrafeiras. Para ultrapassar esta situação os enólogos têm-se desdobrado em ações de marketing e provas de vinhos virtuais em diversas plataformas digitais como o Facebook, Instagram e Youtube, entre outras. Podem acompanhar os diversos eventos que estão a acontecer quase diariamente na página do Facebook intitulada “Blascowinefan”.

Análises Clínicas ▼



Laboratório de Análises Clínicas de Beja, Lda.

Laboratório de Análises Clínicas de Beja, Lda.

Dr. Fernando H. Fernandes
Dr. Armindo Miguel
R. Gonçalves

Horários das 8 às 18 horas
Acordo com beneficiários
da Previdência/ARS; ADSE; SAMS; CGD; GNR; ADM; PSP;
Multicare; Advance Care; Médicis

FAZEM-SE DOMICÍLIOS

Rua de Mértola, 86, 1.º
Rua Sousa Porto, 35-B
Telefs. 284324157 e 284325175 Fax 284326470
7800 BEJA

Medicina dentária ▼

FERNANDA FAUSTINO

Técnica de Prótese Dentária
Vários Acordos

(Diplomada pela Escola Superior de Medicina
Dentária de Lisboa)

Rua General Morais Sarmento, n.º 18, r/chão
Telef. 284326841
7800-064 BEJA

Otorrinolaringologia ▼

DR. J. S. GALHOZ

Ouvidos, Nariz e Garganta
Exames da audição

Consultas a partir das 14 horas
Praça Diogo Fernandes, 23 - 1.º F (Jardim do Bacalhau)

Telef. 284322527 BEJA

Urologia ▼

AURÉLIO SILVA

UROLOGISTA

Hospital de Beja
Doenças de Rins e Vias Urinárias

Consultas às 6.ªs feiras na Policlínica de S. Paulo
Rua Cidade S. Paulo, 29
Marcações pelo telef. 284328023 BEJA

Hematologia Clínica ▼

HEMATOLOGIA CLÍNICA

Doenças do Sangue

ANA MONTALVÃO

Assistente Hospitalar Graduada

Marcações de 2.ª a 6.ª feira, das 15 às 19 horas
Terreiro dos Valentins, 4-1.º A 7800-523 BEJA Tel. 284325861

Cardiologia ▼

MARIA JOSÉ BENTO SOUSA e LUÍS MOURA DUARTE

Cardiologistas

Especialistas pela Ordem dos Médicos
e pelo Hospital de Santa Marta
Assistentes de Cardiologia no Hospital de Beja

Consultas em Beja Policlínica de S. Paulo
Rua Cidade de S. Paulo, 29
Marcações: telef. 284328023 - BEJA

Oftalmologia ▼

JOÃO HROTKO

Médico oftalmologista
Especialista pela Ordem dos Médicos
Chefe de Serviço de Oftalmologia
do Hospital de Beja

Consultas de 2.ª a 6.ª
Acordos com:
ACS, CTT, EDP, CGD, SAMS.
Marcações pelo telef. 284325059
Rua do Canal, n.º 4 7800 BEJA

Dermatologia ▼

TERESA ESTANISLAU CORREIA

MÉDICA DERMATOLOGISTA
Consultas às 4.ªs feiras tarde e sábado

MARCAÇÃO DE CONSULTAS:
Diariamente, dias úteis:
Das 11.30 horas às 16.30 horas
Tel: 284329134 Beja
e-mail: clinidermatecorreia@gmail.com

Rua Manuel António de Brito
n.º 4 1.º Fte 7800-544 - BEJA
(Edifício do Instituto do Coração, frente ao Continente)

Fisioterapia ▼

CENTRO DE FISIOTERAPIA DE BEJA

CONSULTAS DE FISIATRIA
Carlos Machado
Médico Fisiatra

TRATAMENTOS DE FISIOTERAPIA
Acordos com: ADSE, ADM, SAMS, SAD/PSP, PT/ACS, SS da CGD, SAD/
GNR, Comp. de Seguros
Marcações pelo tel. 284322778
Rua Sousa Porto, n.º 35 - BEJA

Centro de Fisioterapia S. João Baptista, Lda.

Fisiatra
Dr. Carlos Machado
Neurocirurgia
Dr. Daniel Maymone
Psicologia Clínica
Dr.ª M. Carmo Gonçalves

Tratamentos de Fisioterapia
Classes de Mobilidade
e Reeducação do Pavimento Pélvico
Classes de Reeducação
Postural/Pilates
Reabilitação Pós-Mastectomia
Técnicas de Acupuntura
Tratamento por Ondas de Choque
Hidroterapia/Classes
no Meio Aquático

Acordos com ADSE, SADI/GNR, SADI/PSP,
Medicare, ADM, SAMS, Medis,
Advance Care, Multicare, Allianz,
Seguros/Acidentes de Trabalho, Planuscard

Marcações pelo ☎ 284322446; 284094496; 915624315
Rua 25 de Abril, 11 cave esq. 7800-521 BEJA
cfisioterapiasjb@gmail.com

Psicologia ▼

MARGARIDA RAMOS

PSICÓLOGA

Mestre pelo ISPA

HIPNOTERAPEUTA pelo:

London College of Clinical Hypnosis

Especialista pela Ordem dos Psicólogos em:

PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO

PSICOTERAPIA

Consultório:

Rua General Humberto Delgado, n.º 2 Beja

Marcações: 967665641

<https://psicologiabeja.wixsite.com/psicologa-margarida>

Clínica dentária ▼

Dr. José Loff

Prótese fixa e removível
Estética dentária
Cirurgia oral/Implantologia
Aparelhos fixos e removíveis

VÁRIOS ACORDOS

Consultas: de segunda a sexta-feira, das 9 e 30 às 19 horas
Rua de Mértola, n.º 43 - 1.º esq. Tel. 284 321 304 Tm. 925651190 7800-475 BEJA

Pediatría ▼

PEDIATRIA

Clínica da Criança de Beja

CONSTANÇA BENTES

Morada: Rua de Olivença, n.º 19 (cruzamento com a Rua de Lisboa)

Consultas diárias de 2ª a 6ª Feira
Marcações após as 14 horas
Acordos: Medis, Advancecare, VidaSana e Future Healthcare
Contactos: Clínica - 284326752
Domicílio - 284389608
TELEMÓVEL DE APOIO PEDIÁTRICO E PESSOAL: 965207043
Email: ccbeja@live.com.pt

Estomatologia
Cirurgia Maxilo-facial ▼

DR. MAURO FREITAS VALE

MÉDICO DENTISTA

Prótese/Ortodontia

Marcações pelo telefone 284321693 ou no local

Rua António Sardinha, 3, 1.º G
7800 BEJA

Clínica geral ▼

GASPAR CANO

MÉDICO ESPECIALISTA

EM CLÍNICA GERAL/MEDICINA FAMILIAR

Marcações a partir das 14 horas Tel. 284322503
Clinipax Rua Zeca Afonso, n.º 6-1.º B - BEJA

Medicina dentária ▼

CLÍNICA MÉDICA

DENTÁRIA JOSÉ BELARMINO, LDA.

Rua Bernardo Santareno, n.º 10 - Telef. 284326965 BEJA

DR. JOSÉ BELARMINO

Clínica Geral e Medicina Familiar (Fac. C.M. Lisboa)
Implantologia Oral e Prótese sobre Implantes
(Universidade de San Pablo-Céu, Madrid)

CONSULTAS EM BEJA

2.ª, 4.ª e 5.ª feira das 14 às 20 horas

EM BERINGEL

Telef 284998261 6.ª e sábado das 14 às 20 horas

DR.ª PAULA RODRIGUES

Psicologia Clínica - Hospital de Beja

DR.ª MARIA GÓMEZ

Psiquiatria - Hospital de Beja



Centro de Radiologia de Beja



Manuel Matias
Isabel Lima
Miguel Oliveira e Castro
Jaime Cruz Maurício
Maria José Sousa
Luís Moura Duarte

Radiologia convencional / Radiologia Dentária
Mamografia / Osteodensitometria
Ecografia / Eco-Doppler
Tomografia Computorizada (TAC)
Colonoscopia Virtual
Deteção precoce do cancro do pulmão
Ecocardiografia
Doppler Cardíaco

CONTRATO DE ADESAO: **U.L.S.B.A.**
(Hospital de Beja e Centros de Saúde)

ACORDOS:
ADSE • PT-ACS • CGD • SAMS • SAMS Quadros
SEGUROS:
Medis • Multicare • Allianz • WDA • Humana
Mondial Assistance • AdvanceCare • Future Healthcare

MARCAÇÕES:

T. 284 313 330 Tm. 967 640 129 / 914 910 193

Rua Afonso de Albuquerque, 7 r/c 7800 - 442 BEJA

geral@crb.pt www.crb.pt



**CENTRO
DE IMAGIOLOGIA
DO BAIXO ALENTEJO**

**TOMOGRAFIA
COMPUTORIZADA (TAC)
ECOGRAFIA
MAMOGRAFIA
ECO DOPPLER**

Médicos Radiologistas

António Lopes / Aurora Alves
Helena Martelo / Montes Palma

Médica Neuroradiologista

Alda Jacinto

Médica Angiologista

Helena Manso

Convenções:

ULSBA (SNS)

ADSE, ACS-PT, SAD-GNR, CGD, MEDIS, SSMJ,
SAD-PSP, SAMS, SAMS QUADROS, ADMS,
MULTICARE, ADVANCE CARE

Marcações:

Tm. 928058603 Tel. 284318490 Tm. 928053329

Horário: de 2.ª a 6.ª feira, das 8 às 19 horas
e aos sábados, das 8 às 13 horas

Av. Fialho de Almeida, n.º 2 7800 BEJA



REPÚBLICA
PORTUGUESA

CULTURA

Notas Culturais

Direção Regional de Cultura do Alentejo

Transmissão – Ciclo de Teatro do Imaginário

– A Associação Cultural UM COLETIVO, de Elvas, transmite a novidade, de 20 a 24 de abril, em jeito de celebração do Teatro Radiofónico. A pensar em diferentes públicos e envolvendo mais artistas, além das estruturas de criação que produzem a iniciativa – As Crianças Loucas, txon-poesia e UM COLETIVO – há textos para os ouvidos mais pequenos, há Cartas de Amor e Desejo em horários mais tardios e, à hora de jantar para toda a família, e para todas as famílias, Teatro Imaginário e homenagem ao Carlos Wallenstein! Será uma transmissão especial! + info.: Página da Um Coletivo no Facebook.

Ahhh....o tempo! Da quantidade e da qualidade –

É o tema do debate da Acesso Cultura que se realiza online, dia 21 de abril, às 18h30. Na área da Cultura, frequentemente nos justificamos por pequenas ou grandes falhas nas nossas iniciativas pelo facto de terem acontecido “em cima da hora”. É também comum o nosso trabalho ser avaliado pelo número de iniciativas e de pessoas que a elas assistiram. Em grande parte, o que se espera de nós é a execução de tarefas e a apresentação de “bons números”, sem paragens para refletir, avaliar, aprofundar e melhorar o nosso trabalho. Parece não estarmos contentes e ao mesmo tempo aceitar como uma inevitabilidade. Será? Faz sentido continuarmos a aplicar este modelo sem questionar a sua eficácia e até que ponto contribui para a satisfação e felicidade dos profissionais e do público? +info.: <https://acessocultura.org/>

Artes em Casa – Resultado do esforço conjunto da Câmara Municipal de Évora, da Direção Regional de Cultura do Alentejo, do Armazém 8, da GMT e de todos os artistas e técnicos de Évora, que vivem só das Artes, desde dia 15 e até 30 de abril há Artes em Casa. Com um programa bastante diversificado, a iniciativa contempla Música, Teatro, Contos, Marionetas, Poesia. Mantemo-nos assim confinados, mas juntos com Artes em Casa! +info.: Página do Armazém 8 no Facebook

(a)Riscar o Património Literário – É o tema da presente edição do Projeto (a) Riscar o Património, resultado de uma parceria entre a DGPC e a Urban Sketchers Portugal. Desta vez num registo diferente - não terá lugar numa localidade de Portugal - mantém o propósito de desafiar e de representar o mundo através do desenho. A literatura, pelo seu elo a lugares e sítios - imaginados ou reais - e pela sua capacidade de transcender a realidade, possibilita infindáveis representações gráficas. Assim, é pedido a todos que, confinados à vossa casa, escolham uma ou duas obras literárias que considerem marcantes e desenhem algo que vos remeta para o universo desse livro. Candidaturas até 8 de maio de 2020. +info.: <https://bit.ly/34adfVr>

**Clínica
Médico-Dentária
de S. FRANCISCO,
LDA.**

**Gerência
de Fernanda Faustino**

**Acordos: SAMS, ADMG,
PSP, ADME,
Portugal Telecom
e Advancecare**

Rua General Morais Sarmiento,
n.º 18, r/chão;
TEL. 284327260 7800-064 BEJA

**PRECISA
DE DINHEIRO?
Ajudo com cheques.
Valores
entre 200 e 1 000 euros.
SERIEDADE**

Contactar tm. 962476242

Clinipax
PELA SUA SAÚDE

- Angiologia e Cirurgia Vasculár: Dr.ª Helena Manso Ribeiro
- Cardiologia (Electrocardiograma): Dr. Machado Rodrigues
- Cirurgia Geral: Dr. Gabriel Gomes
- Cirurgia da Obesidade: Dr. Octávio Viveiros
- Endocrinologia: Dr. Dinis Reis | Dr.ª Ana Sousa Martins
- Enfermagem: Enf.ª Maria José Espanhol
- Gastroenterologia: Dr. Ricardo Lopes
- Ginecologia e Obstetrícia: Dr.ª Luisa Guerreiro
- Hematologia: Dr.ª Ana Montalvão
- Medicina Geral e Familiar: Dr. Gaspar Cano
- Medicina Interna: Dr. Carlos Monteverde
- Medicina Tradicional Chinesa: Dr. Rafael Lopes
- Nutricionismo: Dr.ª Verónica Tóbal
- Neuro cirurgia (Doenças da Coluna Vertebral, Enxaquecas, Parkinson, Alzheimer): Dr. Rui Rato
- Ortopedia / Traumatologia: Dr. André Ramos

- Otorrinolaringologia: Dr. Guedes Damaso
- Pediatria: Dr.ª Isabel Brito Lança - Linha de Apoio: 284 092 503
- Pneumologia: Dr.ª Ana Cristina Duarte
- Preparação Pré e Pós Parto: Enf.ª Maria José Espanhol
- Psicologia Clínica: Dr. Francisco Barrocas | Dr.ª Margarida Mendes
- Psicologia Educacional (Orientação Vocacional): Dr.ª Madalena Espinho
- Psiquiatria: Dr. Daniel Barrocas
- Psiquiatria da Infância e Adolescência: Dr.ª Isabel Santos | Dra. Cláudia Gomes Cano
- Reumatologia: Dr. Fernando Pimentel
- Senologia - Cirurgia da Mama: Dr. Luís Mestre
- Terapia da Fala: Dr.ª Ana Margarida Soares
- Terapia Sexual: Dr.ª Helena Pinheiro
- Urologia: Dr. Francisco Fino Correia

**NOVAS
ESPECIALIDADES**



WWW.CLINIPAX.PT
HÁ 10 ANOS
QUE A SUA SAÚDE
É A NOSSA PRIORIDADE

FUNERAIS - TRASLADAÇÕES - CREMAÇÕES - EXUMAÇÕES - TANATOPRAXIA

PAX JÚLIA

AGÊNCIA FUNERÁRIA PAX-JÚLIA

CUIDANDO DE PESSOAS, FAZENDO A DIFERENÇA...

<p>BEJA</p>  <p>†. Faleceu a Menina PAULA CRISTINA CERIACO BARÃO, de 5 anos, natural de Santiago Maior - Beja. O funeral a cargo desta Agência realizou-se no passado dia 08, no Cemitério de Beja.</p>	<p>BEJA</p>  <p>†. Faleceu o Exmo. Sr. ANTÓNIO BERNARDINO JÚNIOR, de 93 anos, natural de Santiago Maior - Beja, viúvo. O funeral a cargo desta Agência realizou-se no passado dia 09, das Casas Mortuárias de Beja, para o cemitério desta cidade.</p>	<p>BEJA</p>  <p>†. Faleceu a Exma. Sra. D. MARIA LUIZA LEITÃO TOUCINHO BALCÃO, de 83 anos, natural de São João Baptista - Beja, viúva. O funeral a cargo desta Agência realizou-se no passado dia 09, das Casas Mortuárias de Beja, para o cemitério desta cidade.</p>
<p>BEJA</p>  <p>†. Faleceu o Exmo. Sr. JOSÉ MANUEL LOPES CARVALHO, de 54 anos, natural de Assunção - Elvas. O funeral a cargo desta Agência realizou-se no passado dia 10, das Casas Mortuárias de Beja, para o cemitério desta cidade.</p>	<p>CABEÇA GORDA</p>  <p>†. Faleceu o Exmo. Sr. MANUEL PICADO BATISTA, de 82 anos, natural de Cabeça Gorda - Beja, viúvo. O funeral a cargo desta Agência realizou-se no passado dia 10, do Hospital de Beja, para o cemitério da Cabeça Gorda.</p>	<p>PENEDO GORDO / BEJA</p>  <p>†. Faleceu a Exma. Sra. D. MARIA ANTONIETA FERNANDES CORDEIRO, de 87 anos, natural de Santiago Maior - Beja, viúva. O funeral a cargo desta Agência realizou-se no passado dia 13, no cemitério de Beja.</p>
<p>BERINGEL</p>  <p>†. Faleceu o Exmo. Sr. Engenheiro MANUEL ANTÓNIO PEREIRA GALVÃO, de 92 anos, natural de Beringel - Beja, casado com a Exma. Sra. D. Maria de Lurdes Rocha Mâncio dos Santos Galvão. O funeral a cargo desta Agência realizou-se no passado dia 13, da Casa Mortuária de Beringel, para o cemitério local.</p>	<p>BEJA</p>  <p>†. Faleceu o Exmo. Sr. IDELBERTO DAS DORES GUERREIRO, de 83 anos, natural de Santiago Maior - Beja, casado com a Exma. Sra. D. Eduarda de Jesus Oliveira Costa Guerreiro. O funeral a cargo desta Agência realizou-se no passado dia 14, no Cemitério de Beja.</p>	<p>BEJA</p>  <p>†. Faleceu a Exma. Sra. D. NARCISA DAS DORES JUSTINO, de 94 anos, natural de Salvador - Beja, viúva. O funeral a cargo desta Agência realizou-se no passado dia 14, do Hospital de Beja, para o cemitério Ferreira do Alentejo, onde foi cremada.</p>

As famílias enlutadas apresentamos as nossas mais sinceras condolências

Loja 1: Rua da Cadeia Velha, 16, 20 e 22 * 7800-143 BEJA
Loja 2: Av.º Miguel Fernandes, 10 * 7800-396 BEJA
Telef. : 284311300 Telem. : 967311300 Fax. : 284311309
www.funerariapaxjulia.pt - www.facebook.com/funepaxjulia

De: Manuel António Nunes
Rua da Cadeia Velha nº 15 - Beja
284 311 170 / 962 946 642

Agência Funerária Nunes
A servir a Região desde 1973

<p>Beja</p>  <p>†. Faleceu o Exmo. Sr. António Silvestre Gomes Serrano, 69 anos, solteiro, natural de Santiago Maior - Beja. Óbito: 07/04/2020 O funeral realizou-se no dia 08/04/2020 para o cemitério de Beja. A família agradece todas as demonstrações de pesar pelo seu ente querido.</p>	<p>Beja</p>  <p>†. Faleceu a Exma. Sra. D. Mariana dos Prazeres Crujo de Oliveira Mendonça, 95 anos, viúva, natural de Santiago Maior - Beja. Óbito: 07/04/2020 O funeral realizou-se no dia 08/04/2020 para o cemitério de Beja. A família agradece todas as demonstrações de pesar pelo seu ente querido.</p>
<p>Beja</p>  <p>†. Faleceu o Exmo. Sr. José Carlos Carvalho Serra, 92 anos, viúvo, natural de Beringel - Beja. Óbito: 13/04/2020 O funeral realizou-se no dia 14/04/2020 para o cemitério de Beja. A família agradece todas as demonstrações de pesar pelo seu ente querido.</p>	

Apresentamos as nossas mais sentidas condolências as Famílias enlutadas.

Serviço permanente dia e noite
www.funerarianunes.com
www.facebook.com/AgenciaFunerariaNunes

COMPRO
Coleções de moedas antigas em ouro, prata e outras.
Sigilo absoluto.

Contactar tm. 963392846

Padrão AGRADECIMENTO



Jacinto António Carocinho
Faleceu em 01/04/2020

Esposa e filhos, agradecem por este meio ao Dr. Pedro Costa e à Dra. Ana Cristina, do Serviço de Oncologia do Hospital de Beja, pelo profissionalismo, carinho, dedicação, apoio, disponibilidade e ajuda prestados durante a doença do seu ente querido.



António Domingos Beijinho Lopes
18 Anos de Profunda e Eterna Saudade

Esposa, filhos, noras e netos recordam com imensa saudade os 18 anos de ausência do seu ente querido, falecido em 28 de Abril de 2002.
Um eterno adeus daqueles que na vida muito o amaram e jamais o esquecerão.
Paz à sua alma.



Venceslau da Conceição Lampreia
25.º Ano de Eterna Saudade

Filhos, noras, netos e restante família recordam com muito amor e profunda saudade o seu ente querido, falecido em 19 de Abril de 1995.

vitória vitória, conta a tua história

PÁGINA COORDENADA POR RUTE REIMÃO

À solta

Ilustração

Neste tempo em que a palavra de ordem é Fique Em Casa, trazemos-te o trabalho da ilustradora Marta Nunes e como ela tem desenhado este tempo de confinamento. Os trabalhos da Marta são na sua essência uma verdadeira poesia. Podes descobrir mas na página de *Instagram* [martanunes-illustra](https://www.instagram.com/martanunes-illustra).



Faz Tu Mesmo

Diário gráfico

Apesar de as aulas terem começado e a responsabilidade redobra, porque é também um tempo de habituação a esta nova realidade, a equipa da tua página, sugere que possas seguir o exemplo da ilustradora Carolyn Gavin e criares um diário gráfico.

Arranja um bloco ou caderno e regista os objetos que estão à tua volta, ou mesmo o que vês da tua janela.



A páginas tantas

Incrível Evolução A Viagem da Vida

AUTOR-ILUSTRADOR
| Anna Claybourne
EDITORA | Fábula Editora
IDADE | 9+

O que faz de um peixe um peixe? Porque têm as girafas pescoços tão compridos? Qual a relação entre os seres vivos, desde plantas, tigres e cogumelos a libelinhas, polvos e seres humanos? A resposta a estas e muitas outras perguntas sobre a vida na Terra está na evolução.

Este livro explora o que é a evolução, como funciona e quem descobriu os seus segredos.

Mostra a viagem da vida, desde as primeiríssimas formas de vida simples, que se desenvolveram na Terra há 3800 milhões de anos, até aos incríveis macacos falantes, mais conhecidos como seres humanos, que atualmente habitam o planeta!

O tema é fascinante, os conteúdos foram alvo de uma cuidada revisão científica e a linguagem é acessível aos mais novos.

Fique Em Casa

Curtas

O Cinamnima - Festival Internacional de Cinema de Animação de Espinho lançou em canal aberto, na plataforma Vimeo, todos os filmes realizados no projeto Crianças.

Podes assistir a 21 curtas-metragens.

<http://www.vimeo.com/showcase/6917864>



Histórias

Para animar os nossos dias, a livraria Aqui há Gato transmite, diariamente, no *Facebook* e no *Instagram*, uma hora do conto bem divertida. Não percas, todos os dias, às 11:30 e às 21:00 horas.

<https://www.facebook.com/aquihagato.livraria/>



Museu

Ao longo de 12 semanas, o Serviço Educativo do Museu Coleção Berardo apresenta uma viagem pela Arte Moderna e contemporânea. Esta folha de sala permitirá às crianças e aos jovens uma contextualização adaptada deste período da história da arte, incluindo também informações sobre alguns dos artistas presentes na Coleção.

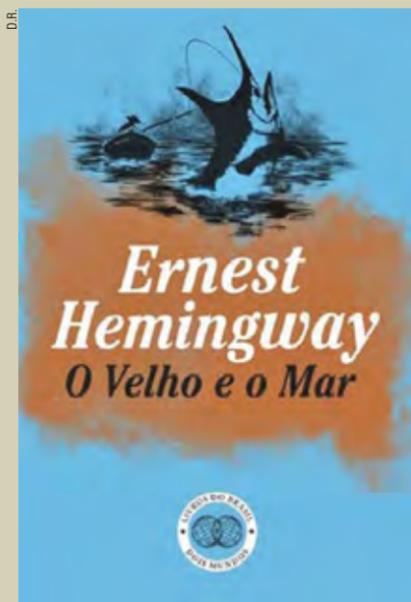
<https://pt.museuberardo.pt/educacao/atividades/uma-viagem-pela-arte-moderna-mcbonlinekids>



ETC.

LIVROS

NÉ ESPARTEIRO
Professora universitária



O VELHO E O MAR

Procurei na estante um livro para ler, nestes dias em que estamos limitados ao nosso espaço familiar, respeitando as medidas impostas pelo estado de emergência.

A minha tia, uma senhora com uns respeitáveis 85 anos, vive sozinha num pequeno apartamento. Até à chegada da covid-19, duas senhoras de um lar de idosos prestavam-lhe assistência domiciliária, com as refeições, a limpeza da casa, a higiene pessoal. Quando foi decretado o estado de emergência, a minha tia tomou uma decisão: prescindiu da ajuda diária para o que não era estritamente necessário e ainda conseguia valer-se a si mesma, e ficou em casa, com a televisão, o seu telemóvel e o seu tablet. Felizmente, não é infoexcluída e, apesar das dificuldades na visão, consegue manter-se em contacto com a família e amigos recorrendo às novas formas de comunicação. Na semana passada, aprendeu mesmo a receber e efetuar chamadas telefónicas com imagem, o que a mantém mais perto dos que lhe são queridos. E foi a pensar na minha tia que seleccionei da estante um pequeno livro que há muitos anos ela me tinha recomendado, *O Velho e o Mar*, um romance-poema do escritor americano Ernest Hemingway, que lhe valeu o prémio Pulitzer, em 1953. Ernest Hemingway foi galardoado com o prémio Nobel da Literatura um ano mais tarde, em 1954, e *O Velho e o Mar* sem dúvida que contribuiu para esse reconhecimento de excelência, a par com outros dos seus romances como *Por Quem os Sinos Dobram*, *Fiesta* ou *O Adeus às Armas*.

A história de amizade entre o velho pescador cubano Santiago e o rapaz que o acompanhou na pesca desde os seus tenros cinco anos e que, mesmo após o pai não lhe permitir mais acompanhar o velho pescador na sua faina devido à má sorte que parecia persegui-lo – oitenta e quatro dias sem nada pescar! – lhe continua a prestar a sua amizade, ajudando-o “a trazer as linhas arrumadas ou o croque e o arpão e a vela enrolada no mastro”. Mas, um dia, a sorte do velho muda, e o isco é mordido por um peixe enorme, que o vai arrastando para o alto mar, longe, cada vez mais longe... “É maravilhoso e estranho, e quem sabe como será velho, pensou. Nunca apanhei um peixe tão forte, nem que se portasse tão estranhamente”. E a história continua... Nestes tempos de confinamento – que vão continuar – aproveitem para ouvir música, ver / rever a série favorita, conviver virtualmente com a família e amigos.

E, obviamente, ir buscar à estante algum livro esquecido!
Boas leituras!

CRÓNICA

RAFAEL RODRIGUES Antropólogo

OS DIAS ERAM OUTROS

Tracei o percurso de outras memórias, do tempo em que o tempo não estava parado, à espera que o vírus fizesse o seu caminho e nos deixasse descansados. Percorri caminhos com tempo. Muito tempo. De memória. Li, reli. Escrevi. É isso que proporcionam a pandemia e o determinado isolamento social. Muito tempo. Para nós e para os mais próximos. Porque dos outros só conseguimos saber através do telefone ou das redes sociais. Onde, hoje, perdemos demasiado tempo. Perco demasiado tempo.

A pandemia está entre nós e ao que nos dizem as notícias e as comunicações oficiais, já fujo delas por vezes, para ficar ainda uns tempos. Desconhecemos o que nos vai acontecer a todos os níveis: de saúde, sociais, económicos. Mas temos a esperança que, em conjunto, saibamos aprender com esta ameaça à saúde coletiva. No tempo em que os carros andavam mais devagar. O tempo andava mais devagar. Todos nós. Aparentemente, até o mundo não estava envolvido na vertigem, que nos assola, de alcançar um ponto antes que outros, de colocar na rede social uma imagem, uma música, uma frase, vagamente uma ideia, que ainda ninguém se tenha lembrado. O acesso à tecnologia tornou-nos mais individualistas. E comodistas. E conformados. Cada vez menos interrogativos e capazes de estabelecer o contraditório. De nos colocarmos no lugar do outro e perceber a sua perspectiva da vida.

Olhamos hoje o mundo com preocupação, através de uma rede opaca e difusa que nos limita o campo de visão. Desviamos-nos do amigo, evitamos os familiares, reduzimo-nos aos imprescindíveis, impedimos mesmo que entrem em nossa casa.

Nestes tempos de pandemia substituímos aquele abraço pelo receio de um cumprimento ao longe, o aperto de mão pelo olhar desconfiado para com o sorriso franco e aberto, à distância, a conversa próxima pela margem de segurança necessária e aconselhada. Olhamos hoje o mundo com preocupação. Os sons ouvem-se agora melhor, alguns, os chamados da natureza. São aves e mamíferos diversos, salientam-se os sinos das igrejas, quando tocam mesmo sem apelar à participação na missa, e mesmo para os cumprimentos à distância: “Fale mais baixo que nos assusta”. Ouvem-se os sons que poderemos considerar bons e também os idiotas. Felizmente, menos estes, agora, porque a maioria parece ter sido acometida de bom senso.

Deixaram de se ouvir os carros, as ruas estão desertas. Nas grandes cidades. Nas localidades do interior, nas pequenas comunidades, é essa a normalidade e continua a ouvir-se a passagem regular dos mesmos veículos motorizados. Só é diferente quando alguém parte. Para terra distante ou para outro lugar ainda mais distante.

Os dias são outros. Num ápice, todos, quase, começaram a defender o Serviço Nacional de Saúde (SNS), mesmo os que votaram contra a sua criação e sempre, mas sempre, defenderam as virtudes do serviço privado e da necessidade da privatização de tudo. Alguém destes fala agora dos malandros dos profissionais de saúde que fizeram greve para obter melhores condições para o serviço e para a sua atividade? Paíra o silêncio e o reconhecimento pelo desempenho. Felizmente. Espero que isso ajude em futuras decisões quando no Governo e na Assembleia da República se discutir o SNS.

Os dias agora são outros. De repente, de um momento para o outro, desligámos de certos assuntos que nos enchiam os dias. Deixámos de dar atenção às diferenças políticas, não mais se falou de prazos para o arranque ou término de obras, essenciais e dentro dos programas municipais.

Os dias agora são outros. E as consequências de tudo isto ainda estão por avaliar e, a não existir uma intervenção do Estado, a máquina capitalista vai retirar o máximo proveito da situação, sem olhar a meios ou a quem fica para trás. É a sua essência. Não conhece pessoas ou países, só o lucro e a rentabilidade.

Os dias são outros e podem ainda ser piores.

MÚSICA

ANTÓNIO CANEJO Jornalista

“ONE WORLD: TOGETHER AT HOME”

O nome não podia ser mais elucidativo – “One World: Together at Home”, que é como que diz “Um Mundo: Juntos em Casa”. Numa altura de reclusão, a ideia é não só chegar a quem se encontra em confinamento, mas também contribuir, de algum modo, para minimizar a situação. A partir daqui, o movimento “Global Citizen”, que combate a pobreza, juntou-se à Organização Mundial de Saúde e a Lady Gaga, que assumiu a curadoria do projecto, para pôr em marcha um festival de apoio a doentes e profissionais de saúde que combatem a disseminação da covid-19.

O evento, que vai ser transmitido em várias plataformas de streaming e estações de televisão, junta um conjunto de nomes de “peso”: Alanis Morissette, Stevie Wonder, Andrea Bocelli, Paul McCartney, Billie Eilish, Chris Martin ou John Legend, entre outros. A apresentação do festival foi entregue a três nomes bem conhecidos da televisão norte americana: Jimmy Fallon, Jimmy Kimmel e Stephen Colbert.

A Organização Mundial de Saúde anunciou ainda que esta transmissão vai contar com participações de várias partes do globo, além relatos de muitos profissionais de saúde na luta contra a pandemia.

O festival “One World: Together at Home” está marcado para o próximo sábado, dia 18 de Abril.





TEATRO DE MARIONETAS ONLINE

O Museu da Marioneta do Porto promove uma visita virtual ao seu espaço e transmite online vários espetáculos, numa iniciativa decorre até junho, com temporadas de espetáculos de quarta a domingo no Teatro de Belomonte, cujo link para acesso fica disponibilizado todas as semanas no site e nas páginas do Facebook e Instagram. Até ao próximo dia 19 de abril é transmitida a peça “A cor do céu”. De 29 de abril a 3 de maio será exibida a “Cinderela”. Esta não é uma Cinderela tradicional. Há uma reescrita, um tanto ou quanto anacrónica, da história tradicional, a partir das versões de Perrault e Grimm. Personagens saídos de outros contos de fadas caem do céu para dificultar a vida a Cinderela. Há uma Bruxa-Má que detesta histórias com final feliz e um Lobo-Mau disfarçado de GNR a patrulhar as estradas da floresta. <https://marionetasdoporto.pt>

HISTÓRIAS, PINTURAS E VÍDEOS PARA O PRÉ-ESCOLAR

A rede de Bibliotecas Municipais de Lisboa lançou a iniciativa “Uma história por dia, não sabe o bem que lhe fazia” na qual todos os dias de segunda a sábado às 11:00 horas no Facebook é lida uma história para os mais novos. Para quem gosta de pintar, o site “Colorir Online” oferece uma grande diversidade de imagens de princesa, dinossauros, desportos, sereias e piratas para os mais novos se entreterem enquanto estão por casa. Já a “Escola Virtual” disponibiliza um conjunto de atividades interativas – como os vídeos, exercícios e jogos para as crianças do pré-escolar.

NARIZ VERMELHO CHEGA À TELEVISÃO

A Operação Nariz Vermelho, na impossibilidade de visitar as crianças nos hospitais, lançou a TV ONV, um canal de televisão que leva os doutores-palhaços às crianças hospitalizadas e a todas as outras crianças que estão em casa. Assim, a partir das casas de cada um dos artistas nasceu um canal totalmente feito por palhaços. De segunda a sexta-feira há sempre episódios novos, às 11:00 e às 18:00 horas, transmitidos pelos canais de Youtube e IGTV da Operação Nariz Vermelho <https://www.youtube.com/user/OpNarizVermelho>

EM CASA, A VER O MAR

O Oceanário de Lisboa propõe um programa “debaixo de água” online, nas quais as famílias têm a oportunidade de mergulhar em diferentes atividades, conhecer a biodiversidade marinha e explorar formas de conservar o oceano. Durante este período de isolamento social, o Oceanário faz sugestões diárias para que todos os portugueses fiquem “Em Casa a ver o Mar”, através de vídeos, perguntas, do jogo “A Hora do Recreio”, informações sobre projetos de conservação, dicas de séries sobre o habitat marinho ou a descoberta de várias espécies. As propostas estão acessíveis nas páginas do Facebook e do Instagram do Oceanário.



IR AO ZOO SEM SAIR DE CASA

O Jardim Zoológico de Lisboa encerra as portas e leva conteúdos educativos e divertidos até casa. Assistir ao nascimento de uma tartaruga, “almoçar” com os ursos ou “mergulhar” com os hipopótamos, são algumas das atividades que o zoo propõe aos visitantes virtuais. No Youtube, são disponibilizados, todas as terças-feiras, vídeos que levam os exploradores em viagem pelos diferentes continentes para

conhecer curiosidades sobre animais e plantas. No blog oficial continuam as últimas notícias sobre o mundo animal, e no website do parque são disponibilizadas as novidades sobre a “Arca de Noé Lisboaeta”. Entre as diferentes atividades destaca-se o “Encontro com o Biólogo”, um programa para toda a família com duração de cerca de 40 minutos através do qual são abordadas diferentes temáticas relacionadas com a conservação da biodiversidade. Amanhã, 18 de abril, o tema será a destruição de habitats. <https://www.zoo.pt>

CONCURSO DE FOTOGRAFIA EM ALJUSTREL

A Câmara de Aljustrel lançou um concurso de fotografia online dedicado ao conceito de liberdade, numa altura em que se apela à população para ficar em casa para deter a propagação da pandemia da covid-19. O concurso foi criado em substituição da edição deste ano da maratona fotográfica promovida pela autarquia. Destina-se a todos os cidadãos e cada interessado em participar deve preencher um formulário de inscrição e enviar uma fotografia em formato JPG via Wetransfer para o endereço de correio eletrónico oficinas@mun-aljustrel.pt com o seu nome, o título e uma breve descrição da fotografia. Só serão aceites fotografias tiradas no interior ou a partir do interior de habitações e que não tenham já sido publicadas, indica o município, referindo que o vencedor será anunciado no dia 24 deste mês e receberá como prémio a abertura de uma conta bancária com 250 euros.

ALCÁZER DO SAL COM GINÁSTICA NA INTERNET

A Câmara de Alcácer do Sal está a transmitir em direto, através da Internet, aulas de ginástica destinadas a crianças e a seniores, ministradas por professores da equipa de desporto do município. Através da página da autarquia na rede social Facebook, decorrem, às terças e quintas-feiras, as aulas para seniores, enquanto às segundas e às terças-feiras é a vez de “pôr a mexer” as crianças, sempre às 10:30 horas. “Esta é uma forma segura e intuitiva de incentivar hábitos de vida saudáveis a todas as faixas etárias da população, mesmo tendo em conta a atual situação de isolamento que atravessamos”, informa fonte autárquica.

FILATELIA

GEADA DE SOUSA



SECÇÃO FILATÉLICA DA ASSOCIAÇÃO ACADÉMICA DE COIMBRA Elege OS MELHORES DO ANO

Integrada nas comemorações do seu 55º aniversário, que se celebraram no dia 22 de fevereiro, a Secção Filatélica da Associação Académica de Coimbra (SFAAC), procedeu entre os seus associados à eleição do melhor selo, melhor bloco e melhor carimbo comemorativo emitidos em 2019. Com 20,5 por cento de votos, foi eleito como melhor selo o “Burro Mirandês” (0,91 euros), da emissão Raças Autóctones de Portugal - 2º grupo, entrada em circulação em 28 de janeiro. De salientar que a imagem deste burro é a única ilustração de um carimbo comemorativo que foi usado na Loja CTT em 22 de fevereiro do ano passado na cidade do Fundão.

O bloco da emissão V Centenário da Expedição – Magalhães – Elcano foi o eleito por 21,7 por cento dos eleitores como o melhor. Entrou em circulação em 12 de setembro. A sua franquia é de 3,50 euros e foi impresso num papel especial, semelhante ao pergaminho, que foi naquela ocasião utilizado pela primeira vez em selos portugueses.

Quanto ao melhor carimbo comemorativo, os eleitores escolheram (como não podia deixar de ser) a “prata da casa”, pois foi eleito o que assinala os 50 Anos da Crise Académica – Peça a Palavra e que foi usado no dia 17 de abril na Loja CTT da avenida Fernão de Magalhães, em Coimbra. Recorde-se que “peça a palavra” foi a expressão com que, em 17 de abril de 1969, o então estudante e presidente da Associação Académica de Coimbra, Alberto Martins, se dirigiu ao Presidente da República, Américo Tomás, que presidia à sessão solene da inauguração do departamento de matemática da Universidade de Coimbra. Américo Tomás, tinha-se feito acompanhar pelos ministros da Educação e das Obras Públicas, respetivamente José Hermano Saraiva e Rui Alves da Silva Sanches. Os votantes salientaram o elevado número (83) de carimbos comemorativos emitidos e, também, de um modo geral, a sua falta de qualidade artística.

Estes resultados são ainda provisórios pois a direção da SFAAC, tal como já o fizera anteriormente, decidiu lançar a votação via online durante mais algum tempo. Os interessados poderão fazê-lo em <http://sfaac-filatelias.blogspot.com/>

Próximas emissões (abril) Hoje, dia 17, Arcebispos de Braga – 3.º grupo. Dia 22, Numismática Portuguesa – 1.º grupo - Autoadesivos Ilustrações: o melhor selo, melhor bloco e melhor carimbo de 2019. Sobrescrito especial editado pela SFAAC para assinalar o cinquentenário do “peço a palavra”.

Nota: Por lapso, na filatelia da semana passada, não referimos o designer nem a fonte da emissão que apresentámos (Museus Centenários). O design é do AF Atelier e o texto teve por base a pagela da emissão.





9 771646 923008 0 1 9 8 2

FUNDADO A 16/1932 POR CARLOS DAS DORES MARQUESEMANUEL ANTÓNIO ENGANA PROPRIEDADE DE CIMBAL - COMUNIDADE INTERMUNICIPAL DO BAIXO ALENTEJO
Presidente do Conselho Intermunicipal Jorge Rosa | Edição, direção e redação Praceta Rainha D. Leonor, 1 - 7800-431 BEJA | Telefone 284 310 165
E-mail jornal@diariodoalentejo.pt Publicidade e assinaturas 284 310 164 E-mail comercial@diariodoalentejo.pt | Assinaturas País €32,00 (anual) Europa
€41,50 (anual) Resto do Mundo €54,50 (anual) | Diretor Luís Godinho (CP935A) | Redação Aníbal Fernandes (CP5938A), Carlos Lopes Pereira (CP1999A),
José Serrano (CP3019A), Nélia Pedrosa (CP2437A) | Fotografia José Ferrolho | Cartoons e ilustração António Paizana, Paulo Monteiro, Pedro Emanuel
Santos, Susa Monteiro | Desporto Firmino Paixão | Colunistas e colaboradores Alberto Franco, António Nobre, Francisco Marques, Geada de Sousa,
Jorge Feio, José Saúde, Maria Antónia Goes, Né Esparteiro, Rui Cambraia, Rute Reimão, Vítor Encarnação | Opinião Ana Matos Pires, Ana Paula Figueira,
Hugo Cunha Langa, Luís Covas Lima, João Mário Caldeira, José Filipe Murteira, Manuel António do Rosário, Manuel Maria Barroso, Mário Beja
Santos, Martinho Marques, Rui Marreiros, Santiago Macias | Publicidade e assinaturas Ana Neves, Dina Rato | Departamento comercial Edgar Gaspar
Paginação Aurora Correia e Cláudia Serafim | Projecto gráfico Conversa Trocada, Design e Comunicação (conversatrocada@gmail.com) Depósito
Legal Nº 29738/89 | A publicação encontra-se anotada na ERC | ISSN 1646-9232 | Nº de Pessoa Colectiva 509761 534 | Tiragem semanal 6000 Exemplares
Impressão Empresa Gráfica Funchalense, SA - Rua da Capela de Nossa Senhora da Conceição, 50 - 2715-311 Pêro Pinheiro | Distribuição VASP

CÂMARA DE BEJA PROLONGA MEDIDAS PREVENTIVAS

A Câmara de Beja decidiu prolongar até 31 de maio as medidas preventivas de combate à pandemia da covid-19, que estavam previstas vigorar até dia 15 deste mês. "No seguimento dos meus despachos datados de 12, 15 e 18 de março, no âmbito do combate ao novo coronavírus, após avaliação da situação pandémica na área do concelho, determino o prolongamento das medidas preventivas vigentes nos mesmos, até 31 de maio", é referido num despacho assinado pelo presidente do município, Paulo Arsénio. Segundo a câmara, as exceções a esta data do final de maio são duas: a isenção temporária do pagamento de todas as rendas de concessões municipais, que vigora até 30 de setembro, e o cancelamento de todas as atividades lúdicas e eventos públicos da responsabilidade do município ou nos quais seja parceiro, que está em vigor até 31 de agosto.

CASTRO VERDE TEM ÁREA DEDICADA À COVID-19

A Unidade Local de Saúde do Baixo Alentejo anunciou que está a funcionar no Centro de Saúde de Castro Verde uma nova área dedicada à covid-19 que se destina ao atendimento de utentes com suspeitas de infeção pelo novo coronavírus, encaminhados pela Linha SNS 24 ou triados nos centros de saúde. "Trata-se de um espaço completamente separado do atendimento aos doentes que não apresentem suspeitas de infeção", esclarece a Ulsba. A unidade funciona 24 horas por dia.

MOURA DESINFETOU DE LARES DO CONCELHO

A Câmara de Moura iniciou esta semana trabalhos de desinfeção nas Instituições Particulares de Solidariedade Social que possuem valência de lar, devido à pandemia da covid-19. "Esta medida resultou de um conjunto de reuniões", que tem estado a decorrer, para que o município possa "acompanhar e prestar apoio a estas entidades, face ao momento de emergência que se vive", destacou a autarquia. No concelho foram detetados 33 casos positivos de covid-19, dos quais 32 no Bairro do Espadanal.



NOVE LINCES-IBÉRICOS NASCERAM EM CATIVEIRO

Nove crias de lince-ibérico nasceram em cativeiro em Portugal nos últimos dias, em partos das fêmeas Fresa, Juncia e Juromenha, elevando para 11 o número destes animais nascidos em 2020, anunciou o Instituto de Conservação da Natureza. O Centro Nacional de Reprodução em Cativeiro de Lince-Ibérico refere-se, em comunicado, ao "orgulhoso nascimento" destas crias de uma espécie que há pouco mais de uma década estava à beira da extinção.

NADA MAIS HAVENDO A ACRESCENTAR...

VÍTOR ENCARNAÇÃO

Realidade Algures entre a Utopia de Thomas More, que refere um país imaginário, onde um governo proporciona ótimas condições de vida a um povo feliz e a distopia 1984, de George Orwell, que nos mostra uma sociedade governada por um regime totalitário, em que os factos são distorcidos e impera censura e vigilância constante da população, existe uma coisa, mais abstrata do que parece, chamada realidade. Ao contrário do inquestionável sentido que emana da palavra, não parecendo ela ser outra senão verdadeira, visível, de facto, a realidade é sempre interpretada a partir de um ponto de vista, e, felizmente para nós, as democracias permitem inúmeros pontos de vista de acordo com a nossa

rigidez ou a nossa abertura de pensamento. Entre a utopia e a distopia existe uma realidade chamada Portugal, território antigo, aberto ao desconhecido, pioneiro na adoção de alguns dos princípios mais nobres e mais estruturantes das sociedades humanistas, seguro, atualmente com uma das democracias mais consolidadas do mundo, mas sempre tão autofágico, tão curto de orgulho pelo que tem, tão crítico na análise que faz de si mesmo, tão descrente nas suas próprias capacidades. A realidade é uma coisa relativa, tão relativa que até nos parece irreal e impossível que alguns, muitos, por vezes nos invejem. Lê-se nos Lusíadas: Que não é prêmio vil ser conhecido/ Por um pregão do ninho meu paterno.

QUADRO DE HONRA NAPOLEÃO MIRA, 64 ANOS, NATURAL DE ENTRADAS, CASTRO VERDE



Fundou e dirigiu, entre 1998 e 2000, a revista "O Trigueirão". Colaborou nos jornais "O Campo", "Diário do Alentejo", "Correio Alentejo" e na revista "30 Dias". Na música, criou os temas "Pratica(mente)" e "Slides — Retratos da Cidade Branca" para o aclamado disco "Pratica(mente)" de Sam The Kid, seu filho. Participou com o tema "Subúrbio" no disco "Eu e os Meus" de Dino & The Soulmotion. Integrou o projeto Hip Hop Pessoa. Criou com o coletivo Reflect a performance "12 Canções Faladas e um Poema Desesperado", que resultou num disco homónimo.

"Resistir, lutar e criar" é preciso

"Lugar Nenhum" é o mais recente trabalho de Napoleão Mira

"Lugar Nenhum" é o mais recente trabalho de Napoleão Mira & Grafonola Voadora. Uma obra, apresentada em CD e nas plataformas, online Spotify e Apple Music, que procura criar "de um modo original, diferenciador e com um cariz declaradamente interdisciplinar, um diálogo permanente entre a imagem, a música e a palavra dita/cantada".

O que podemos encontrar neste seu "Lugar Nenhum"?

Este é o culminar natural de quem vem pisando os palcos deste País ao longo dos anos. Faço parte do coletivo Grafonola Voadora com os meus parceiros Luís Galrito e João Pedro Espada, a que se juntam as colaborações especiais de João Campos Palma, Ricardo Martins e Rafael "Sickonce" Correia. São 12 temas originais, maioritariamente canções faladas onde a minha poesia tem especial relevo. Este trabalho conta ainda com poemas de Vítor Encarnação e de Sophia de Mello Breyner Andresen.

Deambulamos por esse universo onde a palavra casa com a música e onde a imagem, nas apresentações ao vivo, tem uma importância fundamental.

É esta obra um convite ao reencontro, ao reconhecimento das nossas raízes?

Claro! Somos fruto do que nos rodeia e o Alentejo estará sempre presente nas nossas criações. Este é um trabalho que conta com a generosa colaboração de Os Ganhões de Castro Verde, a quem foi proposto o desafio de sair da sua zona de conforto e abraçar um projeto onde a poesia musicada casa na perfeição com o repto que lhes foi lançado. Como vivo no Algarve também as terras mais a sul fazem parte das minhas referências, daí se poderem encontrar dois temas - "Mãe Soberana" e "No Silêncio das Pedras" - a ilustrarem a minha devoção pela terra que me acolheu.

"A arte é a salvação do espírito", diz. De que forma pode a arte salvar-nos nestes tempos confusos e de

recolhimento que vivemos?

As artes sempre estiveram na linha da frente, nos tempos mais conturbados. Esses mesmos tempos podem também eles ser objeto de tratamento artístico nos tempos vindouros. Em tempos de recolhimento e solidão, quando nos é cerceada a forma de ganhar a vida, só nos podemos agarrar a ela para reinventar um futuro melhor.

Que mensagem gostaria de deixar aos seus pares, artistas, e ao público, nestes tempos conturbados para a arte "ao vivo"?

Neste tempo perturbado diria aos meus pares que, apesar de tudo, resistir, lutar e criar é a melhor forma de sairmos desta crise e abraçarmos o tempo novo que surgirá quando a tempestade amainar. Ao público diria: compreem os nossos trabalhos, ouçam os nossos temas, divulguem a nossa arte e brevemente estaremos de novo juntos a desfrutar da alquimia dos sentidos, num teatro perto de si.

JOSÉ SERRANO

No Bricomarché estamos juntos para o ajudar.
Porque tudo o que fazemos, fazemos por si e pelo que é mais importante.

#JuntosPeloMelhor



BRICO MARCHÉ

BEJA